ANNO XXXII
N. 2
Preço 1$200

27
de Dezembro
de 1930

Visitem a linda Exposição dos productos **"4711"** nas casas da **Perfumaria Carneiro**
Rua 7 de Setembro 92 e Rua do Ouvidor 138

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAES
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e o Grande Premio na Exposição de Sevilha em 1930.
PROPRIEDADE DA COMP. EDITORA AMERICANA
RUA MARANGUAPE 15 — RIO DE JANEIRO
ASSIGNATURAS
52 Numeros (BRASIL)
Um anno 50$ ⌘ 6 mezes 26$
REGISTRADA
Um anno 71$ ⌘ 6 mezes 36$

Telephone 2-2550
Endereço telegraphico: REVISTA
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO
Director reponsavel.
ESTRANGEIRO
Um anno 65$ ⌘ 6 mezes 35$
REGISTRADA
Um anno 97$ ⌘ 6 mezes 49$
Avulso 1$200 — Atrazado 1$500

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | Rio de Janeiro, 27 de Dezembro de 1930 | NUMERO 2

Foi, decerto, a noticia de que a minha fabrica de calçados "VELOX" vendera, o anno passado, um milhão de pares que me tornou, de subito, um dos homens mais conhecidos do paiz. Centenas de visitantes têm apparecido, nos ultimos dias, a propor-me negocios de toda especie — desde um apparelho novo para abotoar borzeguins até um processo chimico de curtir couro de cobra (excellente, como se sabe, para sapatos de senhora). Já calculei que, se fosse acceitar todos os offerecimentos que me têm sido feitos, necessitaria de um capital superior a 100:000.000$000. Por isso, limito-me a agradecer, com um sorriso, a confiança que em mim depositam e volto, cheio de cansaço, a rever e estudar as contas, em atrazo, dos meus freguezes do interior. Ha um mez, entretanto, recebi, ás primeiras horas da manhã, um cartão elegantissimo, rectangular, com uma corôa de conde ao alto, e á esquerda :

CONDE LUIS DE ZUNIGA
MADRID

Mandei-o entrar. Era um homem ainda novo, moreno, com um bigodinho terrivelmente preto, um olhar esperto e vivo como o dos gatos. Sentou-se com desembaraço, depois de ter-me dado os "buenos dias" e explicou o seu caso :

— A familia Zuniga é conhecida, na Espanha, como uma familia de inventores. Meu pai inventou o "posto de gasolina automatico", que vende a essencia, recebe o dinheiro e ainda dá troco ao freguez; meu avô inventou os "phosphoros de duas cabeças", adoptado officialmente na armada e no exercito de Espanha; um dos meus tios inventou o "pente electrico" que mata os piolhos mais graúdos por choque, e com limpeza; meu irmão (jornalista, redactor de *El Mondo Gráfico*, de Barcelona) imaginou a "ama secca mecanica" que embala as crianças, dá-lhes a mamadeira a hora certa e ainda lhes muda as fraldas quando elles fazem "pi-pi" em cima... Emfim, meu caro sr. Pantaleão d'Almeida, eu acabo de inventar as "chronicas sonoras", que se destinam a substituir os livros e cadernos de reminiscencias no uso habitual das familias, no mundo.

— Não comprehendo bem o que o senhor chama as "chronicas sonoras"...

— E' uma cousa simples, escandalosamente simples. Imagine um grande apparelho de gravação de discos, installado na sala de visitas de uma casa qualquer. Desse apparelho partem diversos "receptores sonicos" espalhados nas varias dependencias da casa, desde a alcova á cozinha. Nenhuma palavra ou ruido se ouvirá nessa casa sem que, immediatamente, o apparelho os grave, como gravaria, num *studio*, a voz de um cantor de opera ou de uma cantora de *emboladas* sertanejas. Já percebeu o alcance do invento?

— Realmente...

— E' uma cousa surprehendente, sr. Pantaleão. No fim do dia um homem casado saberá todos as phrases que sua mulher pronunciou, ouvirá todos os gritinhos que o seu filho de 3 annos deu, todos os miados que o seu gato soltou, e até o ruido dos ovos frigindo na cozinha, e da agua da caixa cahindo no chuveiro! Maravilhoso, não é? Imagine um official de marinha ou um caixeiro viajante que passem longos mezes (ou mesmo annos) fóra de casa : como lhes será grato ouvir a "chronica sonora" de sua familia, desde os soluços tristes da separação até aos gritos e exclamações alegres do regresso! E a documentação sonica da infancia! Um homem que nasça hoje pode, daqui a 30 annos, ouvir, embevecido, todos os episodios sonoros de sua vida — desde os vagidos do dia em que nasceu até ao discurso de formatura em direito ou medicina, e a declaração de amor á sua legitima esposa! Haverá algum "Album do Bêbê" ou livro de notas intimas que substitua os discos da chronica sonora? Para as mulheres (naturalmente bisbilhoteiras e curiosas) o invento é de arromba! Não ha nenhuma dellas que não dê um braço ou uma perna inteira para apanhar uma pagina (quer dizer um disco) da chronica sonora das suas amigas intimas. O alcance economico do invento é formidavel.

— Mas... quanto quer o senhor pela patente de invenção?

— Não me convém vendel-a. Associamo-nos, se quizer...

Associei-me ao homenzinho. Constituimos a firma Pantaleão & Zuniga, com o capital social de 5.000:000$ e installámos, no primeiro mez, 1.800 apparelhos, á razão de um conto de réis cada um. Estavamos contentissimos com a empreza quando começaram a chegar as reclamações. Funestas reclamações! Attendidas, a principio, por um unico empregado, esse departamento da nossa Empreza necessitava, no fim de 40 dias, de 40 funccionarios ! Impressionado com o phenomeno, puz-me um dia á frente da secção para controlar e fiscalizar as queixas dos freguezes. Um homenzinho baixote e gordo berrava, agitando na mão uma papeleta amarella :

— O meu apparelho está com defeito ! Ha voz de homem na chronica de hontem e lá em casa não entra outro homem a não ser eu. Até os fornecedores ficam no portão, a distancia. Isso não pode ser !

Uma senhora ruiva, com uma pennugem côr de fogo no labio superior, ranzinzava, erguendo no ar a mão molle e branca :

— Uma palavra immoral no meu disco, senhor ! Em minha casa nunca se disse uma immoralidade ! Mande revêr o apparelho, hoje mesmo !

E assim continuavam as reclamações. Uma assegurava que o seu Carlitos jamais dissera nomes feios. Outra queixava-se de que não havia mais criadas que quizessem servir na sua casa emquanto lá estivesse o maldito invento. Um ex-ministro estava-se divorciando da mulher devido a um dialogo telephonico, registado, em parte, pelo subtilissimo apparelho. Homens casados havia longos annos, perfeitamente felizes, desconheciam agora a sua mulher através dos dialogos, futeis ou levianos, registados nos discos de cada dia. Intrigas, escandalos, separações violentas de conjuges succediam-se cada vez mais, ao mesmo tempo que me chegavam, de toda parte, pedidos de desistencia de apparelhos já encommendados. Chamei com urgencia ao meu escriptorio o conde de Zuniga e resolvermos, de commum accordo, mandar para os jornaes a seguinte declaração :

"Pantaleão & Zuniga, estabelecidos á rua 7 de Setembro n. 540, com fabrica de apparelhos registadores de som para uso domestico conhecidos pelo nome de "Chronicas Sonoras", previnem os seus distinctos freguezes e amigos de que as perturbações notadas no funccionamento de alguns desses apparelhos devem ser levadas á conta das influencias electro-magneticas tão communs no nosso tempo e devidas á multiplicação de transmissões da radio-telephonia por toda parte. Assim é que phrases, ruidos suspeitos, rumores de beijos e suspiros amorosos registados em conventos e casas de familias honestissimas são provenientes de outras zonas, menos christãs e menos puras. Os senhores maridos e pais de familia não devem, portanto, ligar excessiva importancia a esses phenomenos que a Sciencia procurará eliminar nos apparelhos a ser construidos para o futuro.

Rio, 1.° de Janeiro de 1950

Pantaleão & Zuniga".

Na semana immediata vendemos mais 3.600 apparelhos!

Berilo Neves

Clarão no chãos (Conto de Natal)

por Vicente Abranches

POR esse tempo corria pela cidade de Bethulia a fama de Jesus.

A preoccupação resumia-se naquelle assumpto de magia que saturava o povo de sonhos e encantamentos. No recanto longinquo repercutira tambem o éco das curas milagrosas do grande apostolo do Bem. Os accórdes do hymno despertavam esperanças; desabrochavam allivios no seio da terra segregada e obscura.

A gente do local, impressionada com a excelsitude do facto, corria sôffrega para a rua. Vinha numa impulsão de contentamentos dizer, ao céo, as oblátas do seu desvanecimento pela graça divina.

Deuses! Só mesmo Deus poderia transformar a escuridão em luz!

O povo descia dos montes. Vinha das savanas. Emergia dos brejáes distantes, a capacitar-se da revelação inacreditavel. Crentes ou duvidosos, todos queriam desabafar as impressões, dizer o seu estado d'alma, contar, uns aos outros, os sonhos sobre a ventura em desbordamento.

Mulheres appareciam, em confusão, com creanças no collo, ansiosas para bemdizer a redempção sobrevinda. Velhos trôpegos arrastavam-se arrimados aos bastões a ouvir as antiphonas divinatorias, de bocca em bocca, entoada pelos recem-chegados á cidade.

Seria verdade?!

Oh! sim! era a certeza do amor na sua expressão humanizada!

Realizavam-se as prophecias das escripturas: depois viria um homem para nos remir e salvar.

E esse rabbino, proclamado, com certeza, era o salvador promettido.

Experimentava-se uma ternura que predispunha os homens para o bem. Sobrepairava a gloria do sobrenatural. O céu descia sobre a terra enchendo-a de resplendores. Os doentes começavam a melhorar. Paralyticos ha longos annos, enervados, disparavam em carreiras doidas, assombrando os circumstantes...

Isso era já o dealbar do hymnario do triumpho precursor da salvação de todos.

— Quem era o salvador?

Não sabiam.

Apenas havia o éco das curas milagrosas; presupunham mesmo que elle fosse Deus, pela terra, para salvar a humanidade do oppróbrio e da dispersão.

O povo fremia de anceios, á espera da confirmação da verdade apregoada, escutando os mais lucidos. E essa eclosão de anhélos, numa tarde, em casa de Israel Jerosabal, um dos nobres da cidade, teve significação mais imperiosa da gloria entremostrada.

Um velho brahmane, alli esquecido pela politica dominante, affirmava que Jesus era o Messias, o mesmo nascido em Bethlém, annunciado por uma estrella e que depois escapára da matança dos innocentes ordenada pela sanha sanguinaria de Herodes. Naturalmente, homem, começava de usar do que lhe fôra determinado pelo Divino Verbo: salvar a especie humana do erro, pela renuncia que era o supremo bem.

— A terra estava exhausta pelo despotismo dos sátrapas; sem cohesão, sem justiça, sem trabalho. Precisava rebentar em brótos, em flôres, em amôr, em farturas para todos, e só mesmo um propheta poderia redimil-a...

Não havia duvida: o homem apparecido era o verdadeiro Messias, e os milagres só podiam ser exactos.

Um doutor da lei, alli de passagem, instado pela multidão, contou coisas espantosas do Nazareno:

— Jesus era, realmente, Deus!

— Não se podia contestar a sua sabedoria sem par.

Relatou o caso da filha de Jairo, facto que só por si seria o bastante para sagrar a qualquer como redemptor.

— Porque a moça estava realmente morta. Jazia deitada no seu caixão aberto, no meio da sala, coberta de flôres. Ia sahir o enterro quando aquelle homem chegando, attrahido pelas súpplicas do pae da defunta, e olhando-a dentro do esquife, disse:

— Ella não está morta! Está dormindo!...

Houve uma impressão de surpreza entre os circumstantes, pois sabiam que alli estava um cadaver já em periodo de graveolencia...

Então o Illuminado, sem apparato, tomando uma das mãos da jovem, disse:

— Levanta-te, filha, que t'o ordeno eu!

A moça abriu os olhos. Sorriu. Sentou-se, e pediu agua!...

— Os incredulos penderam attónitos, maravilhados. Houve um clamôr de jubilos e ovações ao mesmo tempo. Os presentes quizeram carregar o Santo em triumpho, mas o salvador desapparecia como uma sombra ténue...

Depois relatou os milagres das bôdas de Caná... A agua dos cantaros se transformou no mais puro vinho do reino!...

Em summa — concluiu — Jesus curava os enfermos; dava vista aos cégos; fazia andar os paralyticos; realizava curas de molestias incuraveis, como fez a um leproso da porta do templo, por nome Lazaro, apenas com uma simples palavra de misericordia...

— Não havia negar: o Nazareno era Deus. A sua expressão physionomica isso mesmo demonstrava. Parecia de santo: meigo, bondoso, tolerante para os que erravam, a quem aconselhava obdiencia ás regras da moral. Era mesmo differente dos outros mortaes. Affirmando-se bem, via-se-lhe na cabeça, ténue, uma auréola, dando-lhe uma excelsitude que outros não tinham.

— Mas este homem viveu realmente, Arthur?
— De certo! Nunca ouviste fallar na edade da pedra?

— E que bello era Jesus!

As mulher.s olhavam-n'o fascinadas. Havia uma multidão de crentes atrás do pregador, ávidos de novos deslumbramentos e novas emoções.

O grande pregoeiro do bem parecia uma figura de lenda: os seus cabellos cahiam, em ondas de luz, encaracolados, sobre os hombros. A barba espessa emmoldurava-lhe o rosto de expressão divinal. Quem se lhe approximasse ao voltar trazia a impressão de ter tocado num santo, tanta era a sua magnificencia. Mas a sua maior força irradiava da palavra empolgante e convincente...

Para uma vida sem attribulações apenas aconselhava a pratica do bem pelo bem, porque tudo se consegue praticando o bem que era a maior alegria terrena. Falava por parabolas:

— "Não façais aos outros o que não quereis que vos façam".

— "Pedi e recebereis".

— "Batei e a porta se abrirá".

— Petite et accipietis, quoerite et invenietis, pulsate et aperietur vobis...

Ora, de volta, depois de ouvir essas magnificencias, Zaira, uma jovem céga, disse ao pae:

— Papae, eu queria falar a Jesus!

— Impossivel, filha! a graça dessa dádiva não chega para nós!...

E, cheio de tamanha convicção, disse a palavra da impossibilidade. Fez-se eloquente para desvanecimento da filha persuadida. Oh! a sua pobreza!... Frizou o desterro onde moravam: tão longe! tão desprezados do mundo! Só a viagem resultava como a maior desillusão.

— Como encontrar o Salvador?!

— Josué Jerosabal, rico e poderoso senhor de muitos servos, com todas as facilidades não conseguiu trazel-o á sua morada!

— Seria inutil qualquer tentativa: nunca ninguem viu a pobreza ser attendida!...

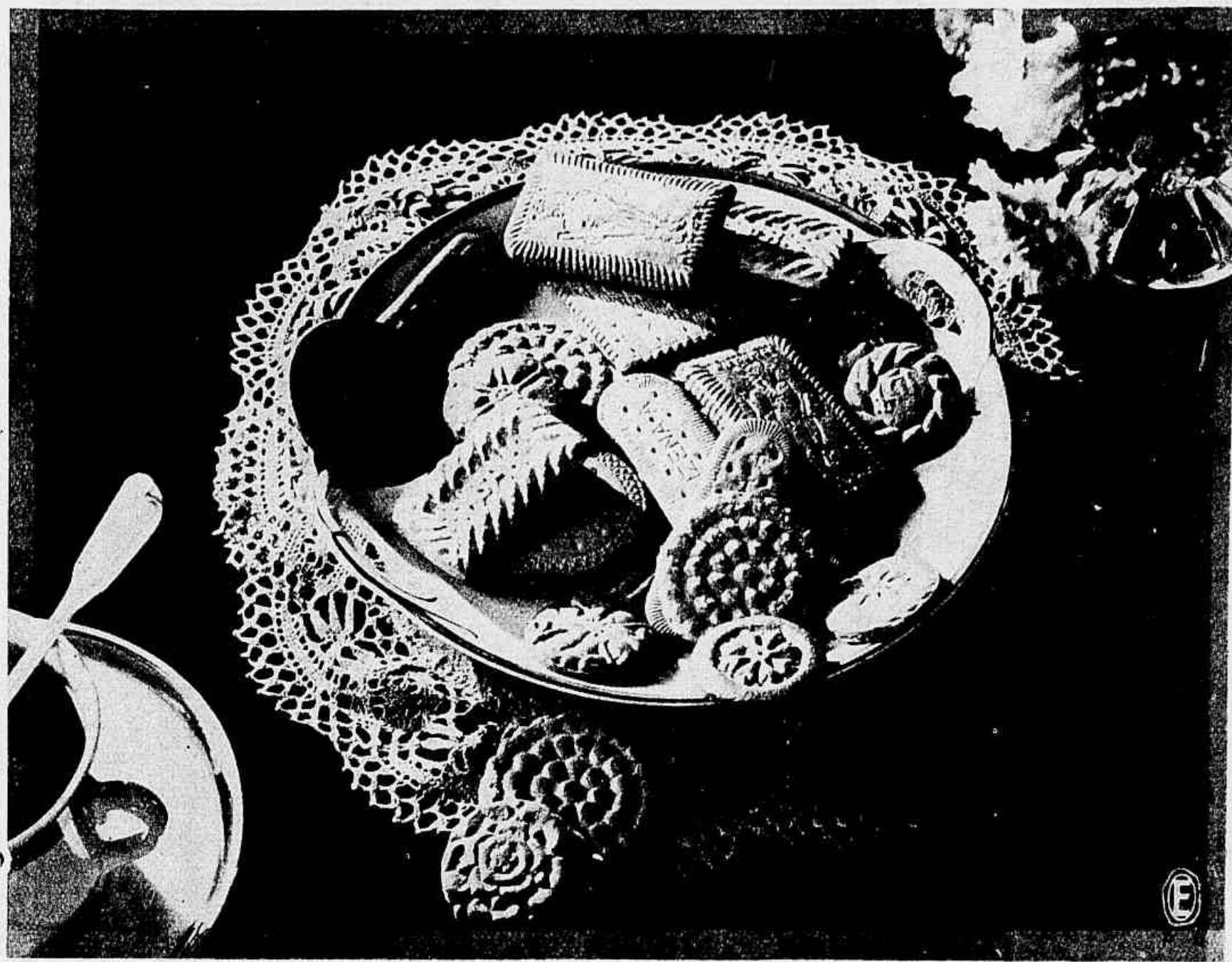
— Papae, eu queria fallar a Jesus!...

Aquelle coração de mulher sentia a realização de um milagre se chegasse a falar ao santo. Alimentava a convicção de que a luz desceria sobre seus olhos se ella tocasse nas vestes da creatura divinizada. A sua fé expluía em ondas de certezas inabalaveis.

Ella ouvira com attenção: "Jesus dava vista aos cégos!"...

E imaginava-o bello, loiro, cheio do Bemdito Espirito Santo, attendendo os humildes e espalhando a luz, a saúde e a alegria que são o triplice bem da vida pela terra:

— Papae, eu queria falar a Jesus!

O velho progenitor sorria desesperançado e incrédulo: "a bemaventurança não chega para nós, filha"! Que ella tivesse paciencia. E depois, —accrescentou para dissuadil-a—aquellas noticias de curas e santidade decantadas não podiam ser verdadeiras. Nenhuma creatura ainda teve a sublime faculdade de fazer milagres. Deus estava no céo, inaccessivel ao olhar do homem, que era apenas um producto enfezado da terra.

Esse milagreiro decantado podia ser um grande espirito. Maior do que todos pela piedade, excepcional; poderia ter o saber acima dos mais sabios, mas não era, não podia ser Deus! Elle apenas concentrava grande poder de suggestão, e a sua palavra deveria persuadir como nunca se vira igual. Mas não era Deus, para fazer milagres. Quando muito, não passava de um visionario: e ahi estava a sua illusão, querendo converter os homens polluidos de maldades e obsessões impuras á religião do bem... Breve os écos do seu verbo reformador e perigoso chegariam aos ouvidos dos pró-consules. Os descontentes e despeitados, como aquelles mercadores da porta do templo que foram chicoteados por elle a pretexto de não respeitarem a casa de Deus, tramariam qualquer traição... Qualquer dia viria a noticia triste. Ella ia vêr Heródes ou Poncio Pilatos; mandal-o-hiam prender, por subversão á ordem publica... Depois havia circumstancia mais poderosa: esse reformador de religião e de costumes politicos, pela sua ascendencia phenomenal no animo do povo, sobrepondo-se a todos os prestigios e poderes, deveria estar cheio de vangloria. Mesmo que tivessemos rios de dinheiro não nos attenderia. Elle não podia ter o dom da ubiquidade para estar em toda parte ao mesmo tempo... Não somos nobres! Os triumphadores não se lembram dos humildes!... A vaidade é um cilicio... A entrada triumphal de Jerusalem era prova da verdade.

— A vangloria céga os mais equilibrados... O povo, por sua vez, exagerava simples curas de molestias nervosas.

— De que serviria a sua vinda a estes bréjos?!

— De nada!

— Tu és céga de nascença e só mesmo Deus poderia operar o milagre que tanto ambicionamos.

— A bemaventurança não chega para nós!...

— Papae comtudo, eu queria falar a Jesus!...

— Louvado seja Deus, e ouvidos sejam sempre os que têm fé!...

Oh! essa voz, significativa como uma caricia de mãe, encheu a moça toda de glorias e bemaventuranças!

— Quem seria?!

A jovem, cheia do bemdito milagre, virou-se, vendo tudo. O pae cahiu de joelhos, a bemdizer o céu:

Era Jesus!

VICENTE ABRANCHES

A construcção do arranha-céu

O mestre de obras — Esperem ahi! Parece que fizemos tres andares demais.

Elegancia Masculina

Londres, DEZEMBRO DE 1930

Embora a maior preoccupação de todos os homens consista unicamente no córte

ultra-moderno dos seus ternos, ainda assim encontro, a julgar pela minha correspondencia, pessôas curiosas que se interessam por detalhes. Tenho recebido algumas cartas em que me são feitas perguntas no sentido de saber se existe qualquer regra fixa a respeito do numero de botões que devem ser usados no paletó.

Evidentemente, nesse assumpto não ha uma regra orthodoxa. Ha, afinal de contas, o gosto de cada qual, variando de accordo com certas regras de caracter mais ou menos fixo. Assim, podem usar-se um, dois ou tres botões.

As pessôas altas e robustas devem usar paletós com tres botões, desde que não sejam muito gordas. As pessôas de tamanho mediano se contentarão facilmente com dois ou mesmo um só botão para apertar o paletó. Isto, no emtanto, não constitue nenhuma regra fixa. Depende unicamente do criterio de cada qual.

Nos climas quentes, seja na America, na Africa ou na Asia, ha necessidade de se usarem roupas leves, apropriadas para a estação. Não basta que essas roupas sejam leves, é preciso que sejam tambem claras. Dahi a importancia que têm os tussores, as flanellas, os brins, os linhos e toda uma escala immensa de padrões e tecidos que a moda tem imposto. Esses tecidos leves são, sem duvida alguma, o ideal para os climas quentes.

Agora mesmo, emquanto que em plena Europa faz um frio intenso, sente-se, por effeito de uma maravilhosa transmutação, na costa septentrional da Africa—na Argelia ou na Tunisia—uma temperatura que obriga ás roupas leves e aos modelos negligenciados voluntariamente.

Então, apparecem todos os modelos proprios á estação. Apparecem os chapéus

de palha, as camisas de malha ou de tecido levissimo, as calças de fanella e, finalmente, os sapatos sportivos que tanto conforto nos proporcionam.

PETER GREIG.

A Noite Regional do Tijuca Tennis Club realizada no salão da A. E. Commercio. Vêm-se no grupo, com a directoria, as senhorinhas que tomaram parte executante na festa

Festa em beneficio do *Club Gymnastico Allemão* para aquisição de um campo de sports.

A imprensa dos pequenos Estados da Europa

O poder da imprensa — observa um chronista parisiense — por toda a parte augmenta, inclusivamente nos menores paizes.

Num domingo do mez passado reinou grande agitação no minusculo principado de Liechtenstein (159 kilometros quadrados e 11.500 habitantes) onde, após uma luta deveras apaixonada, a lei de imprensa submettida a um referendum foi repellida por 1.007 "não" contra 1.006 "sim". Um voto apenas de maioria... E considerava-se muito possivel que, apurada a eleição, tal resultado se modificasse.

A proposito, cita o chronista os organs da imprensa dos pequenos Estados europeus:

O principado de Liechtenstein conta dois periodicos: as Noticias de Liechtenstein *e o* Volksblatt, *o primeiro orgam dos democratas, o segundo orgam dos conservadores. Ambos apparecem tres vezes por semana. As suas polemicas assumem, ás vezes, grande vehemencia. Actualmente os conservadores são mais numerosos, pois contam onze eleitos á Dieta, ao passo que os democratas só contam quatro.*

Em San Marino, o orgam fascista Il Popolo Sammarinense *é, por assim dizer, o unico a dirigir a opinião publica, pois que os liberaes se retiraram, pelo menos temporariamente, da luta politica. O* Bolettino Ufficiale *é o orgam official do governo. Pode citar-se ainda* le Saint Marin, *que pouco se occupa de politica e muito de philatelia — o que talvez seja melhor.*

Em Monaco, onde a politica tem andado nos ultimos annos bastante agitada, existem, além do official e venerando Journal de Monaco, *dois organs que renhidamente se disputam as graças do publico:* la Gazette de Monte-Carlo *e* le Messager. *No inverno apparecem sempre outras folhas.*

Só a republica de Andorra não tem jornal nem orgam de imprensa que appareça regularmente. Dada porém — conclue o chronista — a rapidez com que a exigua nação vae marchando pela senda do progresso, é de esperar que tal lacuna muito breve seja preenchida.

Creança phenomeno

Cita-se muitas vezes casos de creanças prodigios, prodigios pela intelligencia ou pelo talento. Essa de que falam agora os jornaes norte-americanos, o que chamou a attenção sobre ella foi a precocidade espantosa do seu desenvolvimento physico.

Chama-se Clarence Kehr, mora na cidade de Toledo, em Ohio (Estados Unidos), e com a idade de seis annos já mede 1 metro e 20 centimetros e pesa 40 kilos. Mas não é ainda tudo: essa creança assemelha-se por mais d'um ponto com um homem feito. Precisa fazer a barba, tem uma voz grave e já gosta de fumar.

Os medicos que a examinaram são todos de opinião que esse desenvolvimento precoce é devido a uma actividade anormal de algumas glandulas.

E o desenvolvimento physico não prejudicou a sua intelligencia, que é muito viva acompanhando perfeitamente o desenvolvimento precoce.

A sua instrucção está sendo feita por conta do Estado, sendo seus paes pobres.

Cronica de Paris

Vestido de *lainage* verde. Golla, pelerine e o avesso de arminho.

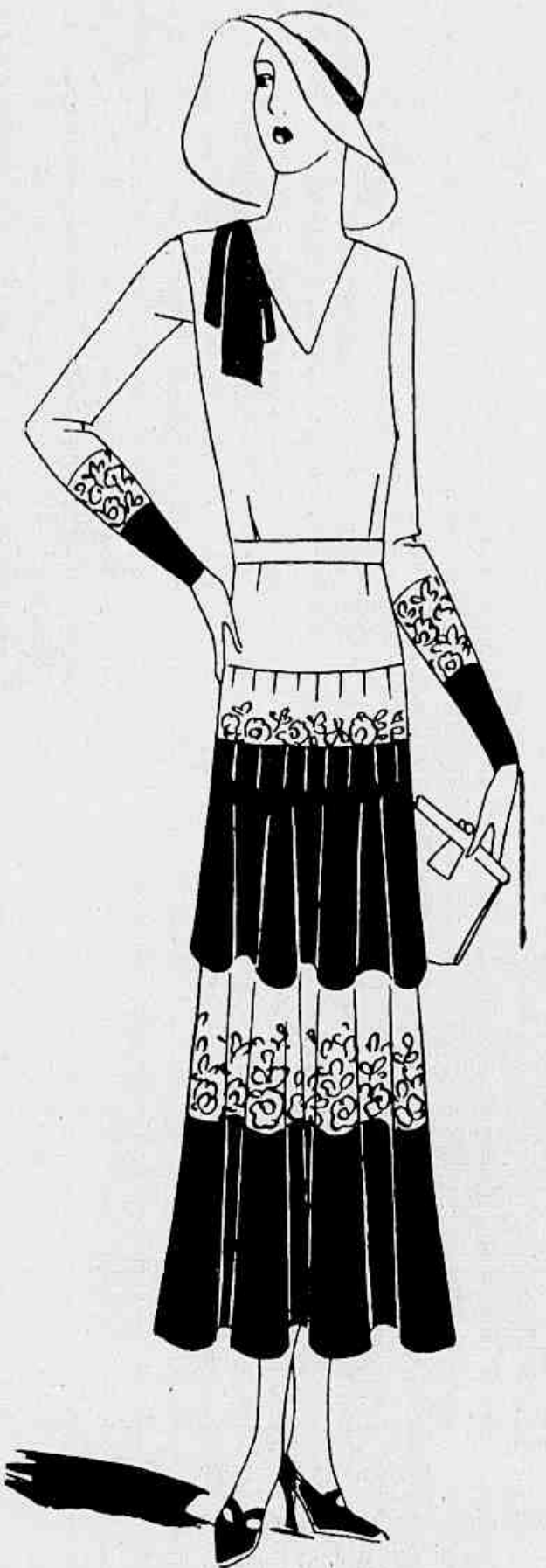
Paris, NOVEMBRO DE 1930

Cada dia se vae affirmando mais o estylo da moda e particularizando-se mais e mais, ou seja fixando as suas modalidades justas para cada uma das phases da vida feminina, de tal maneira que existem normas especiaes para todas as horas do dia e para quantas occupações possam intervir na nossa vida. Não ha duvida que isso tambem acontecia noutros tempos, e não remotos; porém talvez nunca se tenham exaggerado tanto como na actualidade, visto que a mulher que queira seguir exactamente o estabelecido pela moda tem de estar adstricta ao relogio e mudar de vestido numerosas vezes por dia.

Por isso, vamos dar algumas idéas sobre as principaes tendencias correspondentes aos differentes trajos que correntemente se necessitam. Por exemplo, para os desportes desappareceu já completamente a uniformidade. Nos conjuntos que temos visto expostos, as mudanças são muito pouco sensiveis, mas depressa se repara que o casaco de agasalho, mais curto, deixa ver o bordo da saia. Reappareceu, tambem a blusa "sweater" e, por conseguinte, torna a levar-se o "deux-pieces" que tinha sido abandonado. O trajo vae acompanhado duma jaqueta tres quartos, de *lainage* grosso.

Os vestidos de tarde offerecem-se de numerosos modelos. A jaqueta pode ser de comprimento variado, segundo o gosto individual; por baixo leva-se um "sweater" ou um colete e, tambem, ás vezes, uma tunica que goza de bastante acceitação. E' interessante assignalar a linha da cinta por cima da jaqueta, quer seja por meio dum cinto quer por meio dum estreitamento da propria jaqueta.

Nos vestidos de noite já se renunciou á saia redonda e comprida. Agora prolonga-se até aos pés sómente por alguns pontos da sua circumferencia, de maneira que se possa ver perfeitamente as pernas até um pouco acima do tornozelo, pelo menos. Tambem é frequente verse uma cauda de reduzidas dimensões. Quanto ao casaco de agasalho para estes vestidos, o seu comprimento é fixado de accôrdo com duas tendencias, ambas bem acolhidas: a de que o casaco seja mais curto do que o vestido ou então a de que chegue até á parte inferior da saia. Pode-se escolher, se bem que parece que goza de algumas preferencias o agasalho mais curto. Já falámos, noutras chronicas, das côres preferidas para estes trajos, o que nos permitte não o fazermos agora. No emtanto, accrescentaremos que, com os vestidos decotados, se levam muito

O *feminismo*: um elegante pyjama para senhora... Queira Deus não vão os homens usar amanhã batas, anágoas e *matinée*...

Vestido de crepe da China beige e negro. Grande bordado negro sobre as partes beige.

Capelina de palha negra. A copa e a aba são incrustadas por um fino trabalho de crina ajouré.

Bolsa de *marocain* azul. Bolsa de antilope negro com fecho de crystal e motivo de brilhantes. Bolsa de setim beige bordada a ouro. Fecho circulado de ouro. Collar de onix e brilhantes. Perolas rosas. Collar feito de bolas de crepe, ligadas por pequenas bolas de prata. Sombrinha de babados duplos orlados de vermelho e bolas vermelhas. Luvas longas, ornadas por um babado plissado.

os collares de crystal, cujas fieiras se reunem na parte anterior, por meio duma *barrette* de *strass* e voltam a cahir por ambos os lados; uma pulseira bastante larga completa a "toilette".

Pela tarde, de cada vez se levam mais as gorrinhas de velludo e accentua-se por momentos a sua fórma fugitiva sobre a fronte; e, ademais, são as pregas como os turbantes.

Com os vestidos de tarde e de desporte, levam-se uma luvas com "crispins" muito largos, que cobrem o punho da manga.

Pela tarde, estão na moda os sapatos de antilope, guarnecidos, muitas vezes, de tiras de cabedal envernizado ou então adornados com uma fivela de esmalte muito simples.

Tambem com os vestidos da noite se usam grandes "écharpes" de velludo ou de crespão de China, deitadas para trás, e dum tom que faça jogo com o das joias ou dos accessorios do trajo.

Cremos ter dado algumas idéas convenientes para a escolha de varios vestidos e para o que poderiamos chamar accessorios; mas, por mais que nos esforcemos, estamos certas de que apenas temos dado conta de parte do que se dá como acceite. São tantas as idéas e tantos os creadores da moda que nunca se pode estar segura de coisa alguma, e o que hoje parecia acceito definitivamente é destruido no dia seguinte por uma nova tendencia. Por isso, o melhor é esperar que se fixem os estylos sem, no emtanto, esperar que tenham envelhecido, aproveitando-se do atrevimento e da experiencia alheia.

A. D'ENERY

Vestido de renda beige ornado por um laço de velludo marron.

1 — Golla de crepe georgette retida por uma tira dupla abotoada. 2 — Golla pelerine terminada em pontas. 3 — Golla de fustão branco com gravata de velludo preto.

Vestido de crepe cinza beige guarnecido na frente de recortes que se abrem em pregas para dar amplitude á saia. Uma pequena romeira quadrada, plissada em parte, enfeita a frente.

A noite dansante do grupo da Bola Verde no rink do C. R. Boqueirão do Passeio.

Inauguração da exposição do pintor Manuel Faria. Mostra de seus quadros, que serão vendidos para custear a edição do Album em trichromia de "A Cidade Maravilhosa", patrocinada pelo Centro Carioca.

O menino — Veja, mamãe, que homem desastrado... Não ha meio de acertar na mulher!

O contrato do chauffeur

— Do que eu precisava era dum chauffeur bem prudente, que soubesse evitar os perigos...

— E' o meu caso, patrão. Poderei receber um mez de ordenado adiantado?

Enlace senhorinha Alice Fraga Rodrigues — Dr. Simões de Oliveira.

O SR. HITLER NA INTIMIDADE

O chefe do partido nacional socialista allemão, sr. Adolf Hitler, que dum dia para o outro se tornou celebre no mundo inteiro, só realmente é conhecido dum reduzidissimo numero de amigos.

— E' mais facil, dizem elles, ser recebido em audiencia particular pelo Papa do que por Adolf Hitler. E não ha nisso sombra de exagero. Hitler está occupado o dia inteiro e passa parte da noite em conferencia com os seus subordinados.

O appartamento que elle occupa em Munich, na praça do Principe Regente, compõe-se de seis compartimentos, dois dos quaes para seu uso particular. Os outros servem-lhe para receber os seus amigos e partidarios. Ao demais, o proprio quarto de dormir e o gabinete de trabalho não lhe pertencem exclusivamente e são tambem utilizados como escriptorios.

A's 7 horas da manhã, recebe Hitler tres homens do seu Estado Maior, encarregados de lhe fazer o relatorio das novidades do dia. Em geral, quando esses visitantes chegam, o chefe de partido não dormiu mais de quatro ou cinco horas. Um delles é encarregado de o informar sobre a politica interior, o segundo diz-lhe o que se passa quanto ás relações exteriores, o terceiro faz-lhe um apanhado da imprensa extrangeira. Tendo assim ouvido o que disseram os jornaes francezes, inglezes e norte-americanos, Hitler faz a sua toilette matinal. Serve-se para tudo de agua fria, pois o uso da agua quente lhe parece effeminado. Veste-se rapidamente e almoça. Refeição frugal. Hitler come pouco. E não toma nenhuma bebida alcoolica nem fuma.

UM MÁU ESCONDERIJO

N'uma aldeia da Italia, algumas pessôas ficaram surprezas de encontrar dentro do pão que comiam parcellas de notas de banco. O facto foi explicado da seguinte maneira.

Um rico moleiro de Jovea, chamado Giuseppe, tinha escondido suas economias, sejam 50.000 liras papel, dentro d'um sacco de trigo.

Na sua ausencia, sua mulher, que não estava prevenida desse esconderijo, mandou aquelle sacco para o moinho e as 50.000 liras foram esmagadas juntamente com os grãos de trigo.

LILIPUTIANO

A creança menor que vive actualmente é ingleza. Nasceu ha pouco tempo, n'uma maternidade de Twickenham.

Pesava então sómente 878 grs. e media exactamente 25 centimetros.

Muito bem conformada, parece ter todas as possibilidades de viver.

Foi alimentada com algumas gottas de cognac (começa cedo) misturadas com agua, que era despejada dentro da sua bocca com a ajuda d'um conta-gottas.

CREANÇAS

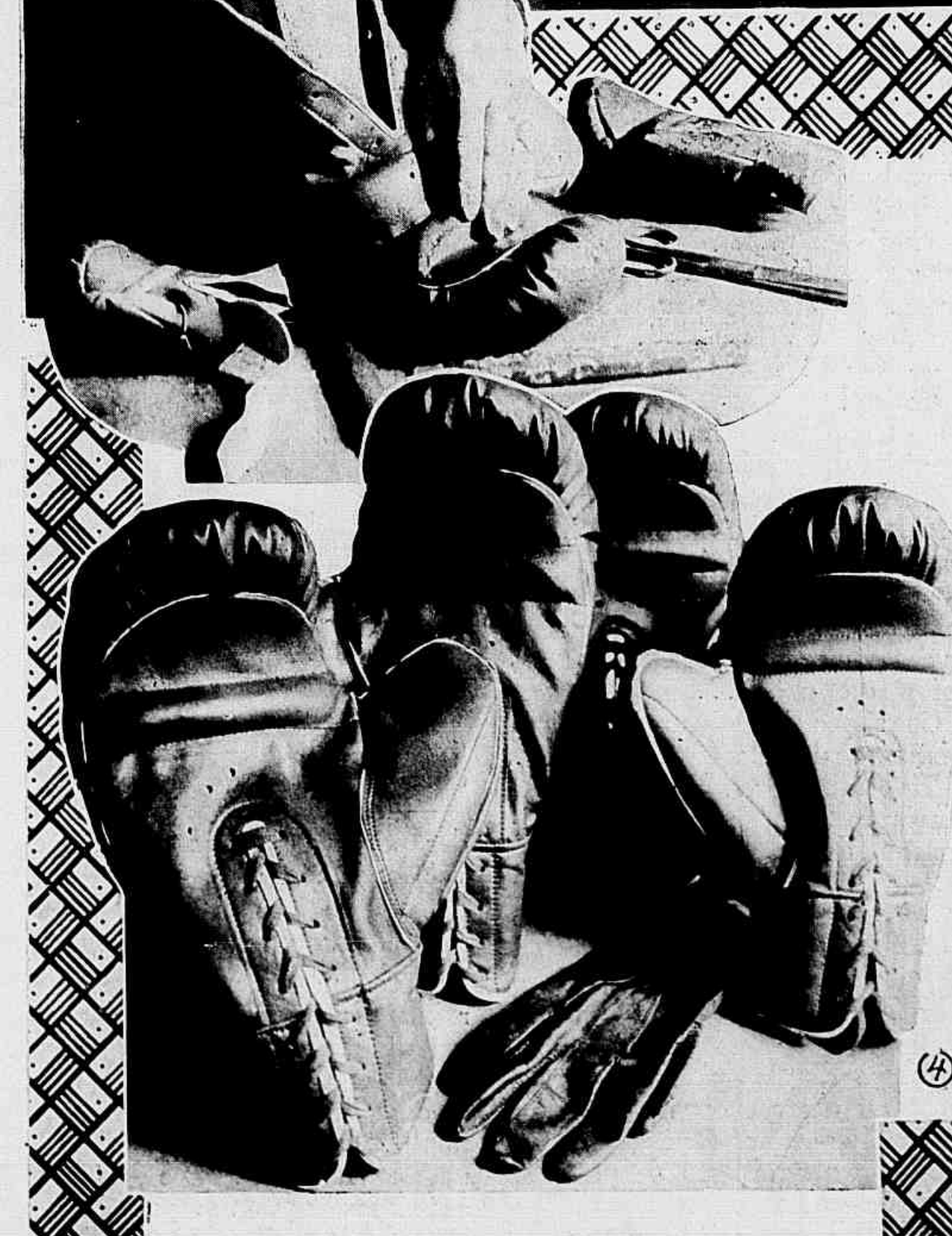
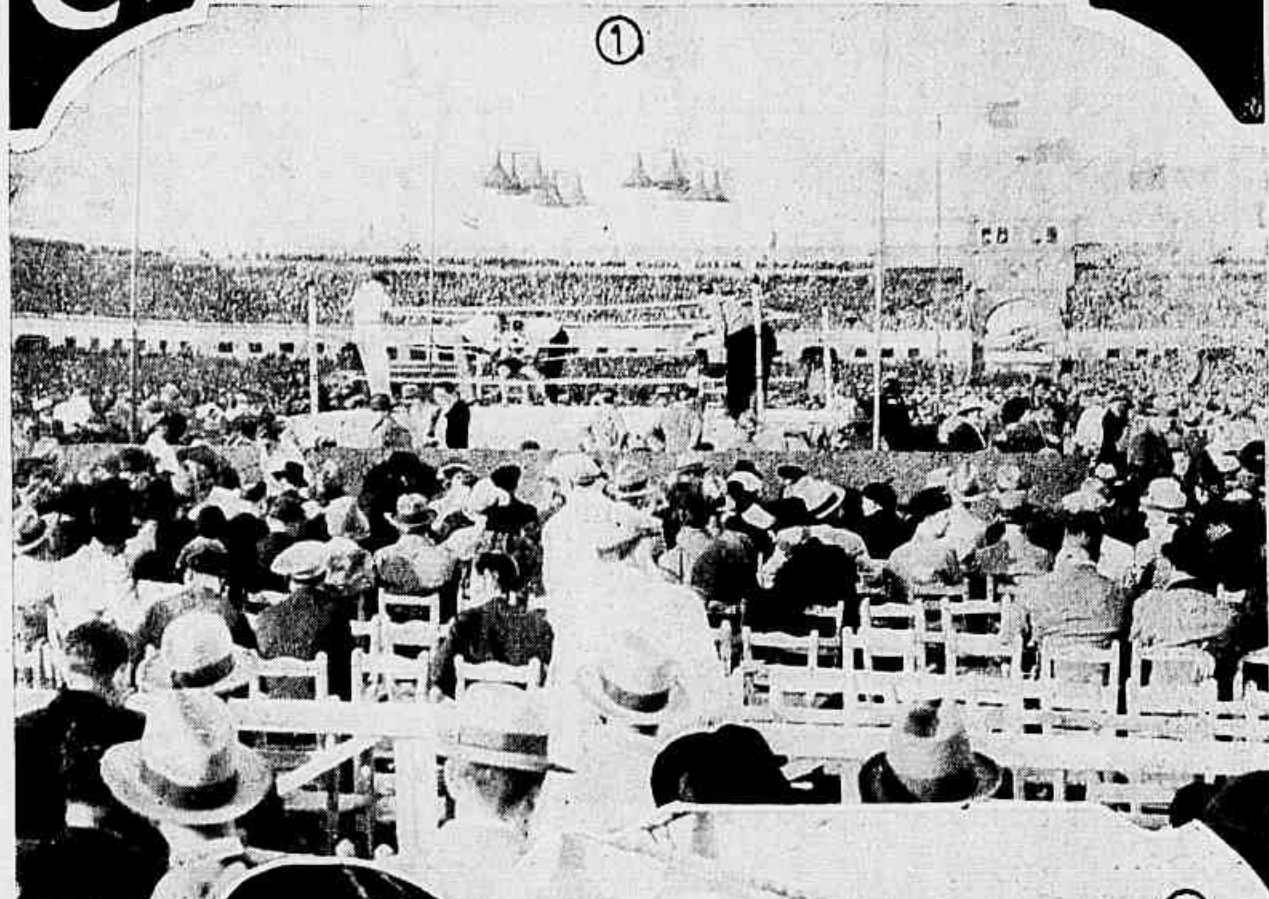
Vania Maria, filha do sr. Leonardo da Silva Guimarães e d. Izaura Guimarães.

Elita, filha do casal Autrecliano Machado.

Lêda Regina, filha do sr. Agrippino Leite. Aracajú — Sergipe.

Lito, filho do sr. Ubaldo Lomonaco e d. Julieta Marinho Lomonaco. Corumbá — Matto-Grosso.

Inah, filha do sr. Hens Kulitz e d. Ricardina Santa Clara Kulitz.

O MATCH CARNERA - UZCUDUM

1 — O *stadium* de Barcelona litteralmente cheio por occasião do *match* Primo Carnera (italiano) e Paulino Uzcudum (espanhol). 2 — Uma phase da luta, que terminou pela victoria de Carnera. 3 — Fabricando as luvas de Primo Carnera. 4 — As luvas utilizadas por Primo Carnera e Paulino Uzcudum no *match* de box realizado no *stadium* da Exposição de Barcelona.

(*Photos J. Vidal — Madrid — exclusivas para a* REVISTA DA SEMANA).

...TIO ANDRÉ

POR HERNANI de IRAJÁ

DESDE que se mudára para Osasco, a viuva Ritóca da Silva notára que o seu filho Ramphis vinha definhando "a olhos vistos".

Andou de ir aos medicos do logar, poucos, e depois foi consultar varias vezes os de S. Paulo, sem que conseguisse melhorar o estado do Ramphinho, como o chamava.

O menino, que ia entrar nos dezeseis annos, estava com uma côr-de-terra, de olheiras negras, magro, olhar desbotado, um tanto ansioso...

Era pena vêl-o!

Vermifugos de todas as especies, xaropes fortificantes, injecções reconstituintes, tudo era inutil: não melhorava a côr, não lhe voltava o appetite nem o pêso perdido. Uma tarde a comadre Generosa, que estivera colhendo hervas no matto, viu-o na estrada junto a uma cerca de arame farpado e ficou ainda mais penalizada.

— Coitado! Isso é máu olhado, garanto! Vou falar co'a mãe delle.

Pegou o rapazinho pela mão, como se o fizesse a uma creança de seis ou oito annos, e rumou para a casa de D. Ritoca.

Entrou pelos fundos. Eram intimas. E, penetrando na cozinha, chamava:

— Comadre! ó comadre! venha cá, vamos combinar uma coisa!

O menino ouvia-as, boquiaberto, sentado num môchozinho.

— Não acredita? Pois olhe, eu sei, e vi com estes olhos que a terra ha de comer... O meu tio Quimzinho, a mulher do *seu* Gregorio, o papagaio de d. Genoveva... fóra o que não lembro agora, *tudo* foi victima de *quebranto* e "máu olhado".

— Qual! isso são conversas, comadre!

— Isso diz a senhora... E a menina do boticario, lá de Itú, afilhada do meu fallecido padrasto? (que Deus lhe fale nalma!...) Morreu de *espinhela cahida* porque lhe *rezaram* emquanto dormia, a pedido de uma rival que acabou mesmo casando com o noivo da outra!...

Os sapos iniciavam o psalmo tristonho da "lagôa do brejo".

Vinha escurecendo e na estrada rangiam as rodas macissas, antiquadas, de carros-de-bois.

A senhora que entendia daquelles embruxamentos pediu um copo dagua e uma toalha. Dobrou-a em oito partes, cobriu com ella o copo cheio d'agua e virou-o, assim, com o panno felpudo sobre a cabeça de Ramphis. Naturalmente a agua ensopou a toalha e as bolhas-de-ar procuravam restabelecer o equilibrio de pressão, penetrando no copo.

D. Generosa gritou então:

— Veja, o *sol* que o menino tem na cabeça! Olhe como a agua ferve!

A suggestão surtiu effeito e a outra arregalava os olhos e deixava pender o labio inferior a modos de quem na roça, assiste a proezas de petotiqueiro.

*

Domingo de vento e de nuvens pesadas, ameaçadoras de fortes bategas de aguaceiro. As duas mulheres subiram a "virada dos eucalyptos" e acercaram-se da casinhola do *tio* André, preto mandigueiro que tanto trabalhava pela felicidade dos outros como recebia pelas "atrapalhações" feitas para os "inimigos" da religião.

— Quem é?" respondeu uma vez fanhosa e aspera ao bater das consulentes encapotadas contra o frio...

D. Generosa era conhecida do feiticeiro. Apresentou a sua amiga e comadre, e explicou a que vinham.

Com extrema surpreza das mulheres o negro disse-lhes:

— Eu já esperava esta visita. Mas o *esprito* quiz enganar-me dizendo que o Ramphinho tambem viria junto.

E' verdade... o menino está sendo "envultado" e por vingança...

— Vingança!? E de quem? perguntaram ao mesmo tempo as duas senhoras.

— Isso hoje não posso responder, porém terça-feira, se quizerem voltar, já saberão.

*

Terça-feira.

O tempo ainda o mesmo: frio, rajadas impetuosas do sudeste. Na casinha do cabinda parece que rezam um terço. Uma voz melancolica responde a um côro mixto. Ouve-se a plangencia de uma especie de *gongo* e de tempos a tempos, após um gemido prolongado de mulher, o som abafado de um tambor surdo...

Dois vultos sobem a estrada alagada. Escuta-se:

— "São Cypriano nosso Senhor!"

— "Rogae por nós".

— "São Cypriano; São Cypriano; São Cypriano".

— "Somos teus servos; somos teus servos; somos teus servos!..."

— "Kauálêlê! Kauálê-lê! Kauá-lê-lê!"

A noite é trevosa e um cheiro de resinas vem pelo ar, parece misturado ás palavras mal ouvidas e aos sons daquella lithania incomprehensivel...

O vento está rezando aquillo tambem e até os eucalyptos farfalhantes gingam, inclinando os troncos e as frondes ao rythmo do batuque impressionante.

*

Uma assembléa de muitos homens, de trajar variavel, de diversas côres: homens, e mulheres tambem. Fazem circulo em torno do brazeiro, onde fumega algum almiscar exotico.

Tio André está sentado sobre uma coisa que lembra um throno: um estrado com tapetes velhos, sobre o qual vê-se a cadeira de braços, forrada com um panno de velludo.

As duas clientes tambem estão sentadas, mas fóra da *roda*, a um canto.

Recomeça a ceremonia. E, a um aceno do chefe, soltam todos uma exclamação assim:

— "Aoum!"

Isso é uma especie de gemido e quando o deixam ouvir inclinam-se todos para o chão. A roda senta-se no chão. Cruzam as pernas á moda oriental e cruzam os braços ao peito.

Tio André explica ás mulheres:

— Podemos falar que ninguem nos ouve.

— Como?!

— Sim; ahi — e apontou para os do circulo — todos estão cégos e surdos neste instante.

De facto pareciam automatos, repetindo o mesmo movimento e gemendo compassadamente:

— "Aoum!"

Falava o preto com os olhos brilhando satanicamente:

— O autor do envultamento do seu filho chama-se Januario Perdiz, é advogado... Elle pretendeu desposar a senhora, D. Ritoca, logo que se tornou viuva; insistiu, tornou a insistir, e a sua pretensão irritou-a a ponto de lhe cortar o cumprimento; elle jurou vingar-se e lançou mão do seu menino...

As mulheres estavam lividas...

A mais interessada apresentava um ar indecifravel.

— Está certo? — perguntou-lhe o preto.

Ella fez que "*sim*" com a cabeça e cahiu para o lado da outra.

O homem continuou:

— Esse Januario é meu rival! Mas somos de religões diversas. As senhoras não entendem isso... O caso interessa-me muito. Elle é horrivel! Feio de corpo e medonho d'alma. Foi, aliás, isso uma das causas delle se alliar a São Cypriano que protege os *monstruosos* como nós...

"Januario tentou virar a sua cabeça, mas a senhora é Filha de Maria. (Ahi elle benzeu-se e beijou um breve do pescoço).—Então acudiu-lhe a idéa do pequeno.

Tio André parou para soccorrer a consulente que tinha desfallecido. Deu-lhe a cheirar um vidrinho. Despertou. Elle continuou:

— Socegue. Seu filho ficará bom. Mas temos que esperar pela primeira sexta feira de Agosto. O *trabalho* é mais meu do que mesmo seu. Por isso não lhe custa nada.

Mas o seu Januario tem que *desencarnar*...

*

Todos se deitam cedo. O logar é pequeno. Em casa de D. Ritoca fazia silencio e frio. A coruja "rasgou mortalha" em cima da casa e os que ouviram o sinistro pio fizeram o signal-da-cruz e exconjuraram a ave de máu agouro.

Ramphinho virou-se na cama e deu um suspiro longo, um verdadeiro gemido e chamou:

— Mamãe!

— Que é? que tens" — perguntou-lhe solicita a bôa senhora.

— Eu estou com febre no corpo e tenho a cabeça gelada!...

A coruja tornou a piar e parece que outra que se approximava dava uma *gargalhada* de échos funebres. A luz tremeu na lampada, bruxoleando no fio incandescente e... extinguiu-se. O menino contagiou o medo e os dois no escuro do quarto agarraram-se juntando os rostos como se respirassem por uma só bocca...

Um pouco de luz dos astros tentava penetrar por uma fresta da janella. D. Ritoca foi abril-a... o filho seguiu-a... Ahi, então, viram, lá embaixo no quintal uma scena tétrica! Um quadro macabro..

Dois homens horripilantes... Um apunhalava o outro!

A coruja ainda se fez ouvir...

O menino deixara-se cahir nos braços de sua mãe afflicta...

A luz reaccendeu-se devagarinho... o quarto clareou e o menino estava ali na cama socegado, dormindo n'um resonar calmo, como ha muito não o fazia.

Encontraram no dia seguinte uma coruja branca, morta no quintal com uma ferida sob a aza esquerda.

Ramphis começou a ter saude.

Tio André lá está no casebre que se vê ao longe contra o céu triste da tarde que escurece em azul!

As comadres não querem mais fallar desses assumptos!

HERNANI DE IRAJÁ

A fuga de RAMON FRANCO DE MADRID

Ramon Franco, o celebre nauta do azul que electrizou o Brasil com o vôo memoravel do *Plus Ultra*, tem sido posto em evidencia nos ultimos mezes, mercê das successivas prisões que lhe têm sido impostas. O commandante Franco, da ultima, conseguiu evadir-se. Dizem que se serviu de um automovel e foi ter a Portugal. Dahi, em razão do levante republicano que se verificou em Espanha, voltou á patria, realizou varios vôos com objectivos revolucionarios. Teve, entretanto, de tornar a Portugal, de onde, ao que se diz, tomará rumo da Republica Argentina. A' esquerda: o edificio das Prisões Militares, de Madrid, onde estava preso o commandante Ramon Franco. A seguir: a janella da capella das Prisões Militares, em cuja grade se nota a falta de um pedaço de barra de ferro, por onde se suppõe haver fugido o commandante Franco.

O ENSINO NA ZONA RURAL

1

2

3

4

Aspecto do encerramento das aulas no 22º districto escolar (Realengo e Bangú) 1 e 3 — Trechos da exposição de desenho, modelagem, cartographia, trabalhos de todo genero, tomados á exposição de conjunto das escolas realizada na séde da Inspectoria. 2 — Interessantissimo e efficiente jogo educativo sobre estradas de toda especie do Districto Federal, preparado em madeira pelos alumnos da 2.ª masculina. Copiosa documentação do ensino sobre meios de communicação. 4 — O director geral da Instrucção, dr. Raul de Faria, e inspectores escolares recebidos pela inspectora do Districto, senhora Zelia Jacy de Oliveira Braune e pelos professores, figurando entre elles os directores de escola Clementina Trilho da Silva, Antonio Malinconico, Zilda Figueiredo Paz, Azurita Ramalho de Britto e Alzira Azevedo Vieira. Vê-se tambem a alumna Nilber Paz, depois de haver feito linda saudação á Bandeira.

Antes do governo geral no Brasil o Rio de Janeiro era coisa derelicta da metropole portugueza, quasi só attractice de aventureiros francezes á cata de páu-brazil.

Com Mem de Sá veiu o nascer, veiu a puericia da cidade, vieram os habitatores. Antes, uns e outros procuravam a terra, mas sem intuito de morada, só com ambições de lucro, não menos avidas que sem escrupulos.

Em sitio tal não podia existir moda, e talvez o primeiro que d'ella désse idéa fosse Villegaignon, olhando ao largo a nossa bahia, sonhando-a porto á França Antartica.

Quando Villegaignon estava no Rio de Janeiro, poucos eram ahi os portuguezes, muitos os selvagens, do francez inimigos uns, amigos os outros. Ao gentío, pois, mais do que ao adversario se apresentava Villegaignon na região do páu-brasil "de que a terra, por influencia nossa, tomou o nome", dizia Léry, sabido quanto francezes são admiraveis apropriadores da descoberta alheia.

Deu-nos o mesmo Léry a pintura de Veillgaignon casquilho. A crêr nos feitos d'elle, cabo de guerra na Europa, só o tomariamos por batalhador de aspecto rude, de traje quasi grosseiro, cuidando mais de golpes que de casquilhar.

Trouxéra comtudo á America copioso guarda-roupa de seda e lã, e ignoramos por que alfaiate mandou fazer no Rio de Janeiro nada menos de seis trajes, um para cada dia da semana, casaca e calções vermelhos, amarellos, pardos, brancos, azues e verdes. Pela côr das vestes ao despertar de Villegaignon, os companheiros conheciam se o dia lhe correria de bom ou máu humor. Era o homem arco-iris. Sem duvida o traje branco promettia paz de vinte e quatro horas, o azul outras de agrados, mas ai do dia do traje pardo, ainda mais vermelho.

Quando Villegaignon vestia comprido casaco de camelão amarello, bandado de velludo preto, faceirava-se todo e a sua propria gente o comparava a menino travesso.

Em 1585 o padre Anchieta nos poz ao corrente dos vestuarios da época no Brazil. D'elle não era ainda magna parte o Rio de Janeiro, mas sem duvida participava das modas da metropole importadas pela colonia.

Para vestir grosso havia na terra muito algodão, para vestir fino sortia-se o Brasil na Europa por meio de Portugal.

Homens e mulheres portuguezes gostavam de trajar limpo como se na patria. D'ella mandavam vir a seda, rainha das fazendas; o velludo, seda com pello alto; o damasco, aqui setinado, alli aspero, de differença nos lavores; os pannos de Arraz, emfim tudo quanto em Lisbôa pompeava o luxo.

Onde vive este folgam mulheres. As portuguezas da éra quinhentista no Brasil vestiam muitas sedas e joias, para ellas vigente a moda de Portugal acastelhanado.

Em 1585, época do relatorio de Anchieta, Felippe II já se sentava no throno portuguez. Como então os soberanos eram espelhos de povos, as modas espanholas entraram a reinar em Portugal, copiadas sem duvida mais ou menos no Brasil.

A differença das classes não se accentuou no seculo XVI, no vestuario, como em seculos anteriores. O nobre copiava o rei, o burguez o nobre, o plebeu o burguez, lé já se ia approximando de cré, apagando o proverbial lé com lé e cré com cré, no concurso das vaidades. Constituiam classes vís os moiros, os judeus e as mundanas. Só aos moiros ficou imposta a almexia, ou signal das mourarias do reino, meias luas de panno de côr trazidas sobre vestes não á mourisca. Ninguem incommodou os judeus, com a estrella de seis pontas nas vestes, nem as mundanas: andavam todos á vontade. Os judeus emprestavam dinheiro, as mulheres mundamaces vendiam amor. Não convinha vexal-os, prudencia e prazer.

As mulheres dos vinte primeiros annos do dominio espanhol em Portugal, com ellas as cariocas de então, muitas portuguezas de berço, usavam trajos de côr escura, traziam muita renda nos vestidos, saias de roda e frisadas, mangas estofadas, cabellos riçados, toucas em bico. Andavam em moda os vestidos afogados na gola e, quando de gala, era uso decotal-os em quadrado. As capas largas tinham utilidade. Quando as mulheres com ellas bem se rebuçavam, a tal ponto levavam o disfarce que nem passando os maridos pelas esposas as reconheciam. E quem se esconde vae aonde?

D. Joanna d'Austria, princeza de Portugal e do Brasil. Seculo XVI. Traje da época.

Os homens, para o aonde suspeito, precisavam esconder-se menos que as mulheres. Vestiam gibões ou vestes de cobrir até á cintura, gibões de razo, calções de velludo e meias de seda. Calçavam conforme os casos escarpins, botas altas de cordovão ou sapatos de roseta. O chapéu avultava na copa rigida, elevada, de abas curtas, enfeitado de pluma.

Letrados, doutores apegavam-se ás vestes talares, isto é até ao calcanhar. No povo iam á vista, para os homens, as bragas ou calças largas e os capuzes sem mangas; para as mulheres, as saias duplas dobradas e os corpetes bem ao molde do corpo, de agrado se airosos.

Os homens usavam cabello comprido até debaixo da orelha, curto na frente, barba larga.

O traje ecclesiastico fixado pelo concilio de Trento não soffreu então quasi variação. No Brasil, nos collegios, e um havia no Rio de Janeiro, os padres jesuitas e os irmãos ou leigos vestiam e calçavam propriamente como em Portugal, servindo-se dos pannos do reino.

Nem sempre os tinham, mas não se amofinavam, nem por isso deixavam de sacudir riso. Nunca a Companhia foi voluptuaria. A terra não podia muita roupa, dizia Anchieta, e quanto mais leve e velha tanto melhor.

Folgavam, pois, os padres com ella e á mingua de calçado não atalhavam por isso o passo e o trato ás gentes. Seguam o uso da terra, afaziam-se aos pés no chão, não se lhes dando tanta pena e trabalho como se na Europa estivessem. Os ricos, os honrados da terra iam descalços, não se haviam de rir de outrem para não se rirem d'elles mesmos.

A' Adão andavam os indios, de ordinario em nudez.

Quando muito, convinham em vestir alguma roupa de algodão ou panno baixo. Mas entendiam corrigir a decencia ou d'ella zombar inventando modas estramboticas.

Um dia sahiam nús, de gorro, chapéo ou carapuça. N'outro dia continuavam em traje paradisiaco com sapatos ou botas; em nova occasião ainda lhes dava para trazerem roupa curta parada na cintura.

Indo a bodas vestiam-se, mas já de tarde o noivo apparecia só de gorro á cabeça, julgando o enfeite de mais realce na seducção da noiva.

As indias ás vezes costumavam trazer camisas de algodão roçando nos calcanhares, sem outra roupa. Uma trançadeira de fita, seda ou algodão prendia-lhes o cabello. Como os indios, as indias de ordinario preferiam a nudez e o descalço, guardando a roupa presenteada.

Não era difficil campear o luxo na colonia do Brasil e suas partes, como o Rio de Janeiro.

Homens e mulheres de mais escól se faziam reis e senhores na terra, tinham muitos escravos e fazendas de assucar. Onde reinavam o ocio, a lascivia, a murmuração, bem podia imperar o luxo.

Sabiam as mulheres a valia e os homens o preço de pannos finos e baixos de toda a sórte, quaes fossem tafetás, hollanda e lenços de linho. Tinham-se os tafetás por mercadoria ligeira ou droga, como se dizia de taes mercadorias. As hollandas valiam como o linho, este de tres especies: o gallego mais fino para os ricos, o mourisco mais inferior para os remediados, o canamo grosseiro para os pobres.

Vendia-se o linho restellado, isto é sem estopa, aos feixes, ás saccas, ás ramas, ás estrigas, para serventia do corpo, da mesa ou da cama.

Se o homem apaixonado costuma tratar a mulher por "minha joia", muito não é que ella pegue na palavra e ponha-se a estimal-a na objectividade rutilante.

Por isso as mulheres da colonia, a exemplo das do universo, amavam as joias como as haviam prezado as suas maiores ao remontar dos seculos.

As donas e donzellas do seculo XIII, por exemplo, tinham cingido a testa com as corôas de aljofares, ao pescoço as gorgeiras de pedras citrinas ou côr de cidra, mas mãos anneis por nome suciras e arrieis. Chamavam a attenção para os cabellos pelos airões e garçotas, em ramo de flôres, plumas ou pedrarias no toucado.

Na terra do Brasil os escravos e os indios trabalhavam pouco, os portuguezes quasi nada. Tudo se levava em festas, amoricos e cantares, convivios de grande custo, n'elles se fazendo muitos excessos de comeres exquisitos. Fiavam-se talvez os donos dos estomagos na salubridade da terra, onde o inverno começava em Março para findar em Agosto, o verão em Setembro para termo em Fevereiro, Advento e Natal em força de verão.

N'alguma das festas, n'alguns dos convivios os convivas ás vezes bebiam demais para saber talvez se realmente *in vino veritas*.

Com certeza a tanto não chegariam as mulheres, contentando-se na mutua exhibição de encantos e vestuarios, ás vezes estes muito superiores áquelles.

Pregavam os jesuitas contra o luxo; mas certo as mulheres que contrictas os ouviam seriam depois dependuradas de querer saber como ia a moda em Portugal. Não o fizessem, soffreriam muito e longo. O casamento, segundo o povo, no céu se talha, mas a mulher bem sabe que nem siquer com o vestido de noiva succede o mesmo, cumprindo para obtel-o na terra dar livre campo á diligencia.

E' de crêr portanto que as portuguezas e cariocas do primitivo Rio de Janeiro vissem com prazer no porto o surgir das náus dos reino portadoras das modas e dos objectos com que alimental-as.

Não ha increpar faceirice ás civilizadas se a gente de Villegaignon quando ia ás aldeias dos selvagens eram solicitadas pelas indias para troca de missangas por frutas, animaes, algodão e muita cousa mais. Atordoavam as mulheres os visitantes com palavras de lisonja: "francez, tu és bom, dá-me rosarios de vidro". Eram rosarios de contas coloridas, trazidos pelos *muirs* justamente para trafico.

Cobiçavam tambem as indias espelhos ou pentes; inutil, porém, dar-lhes roupas de chita e camisas, apresentando por justificativa de nudez o tomarem banho doze vezes e mais por dia.

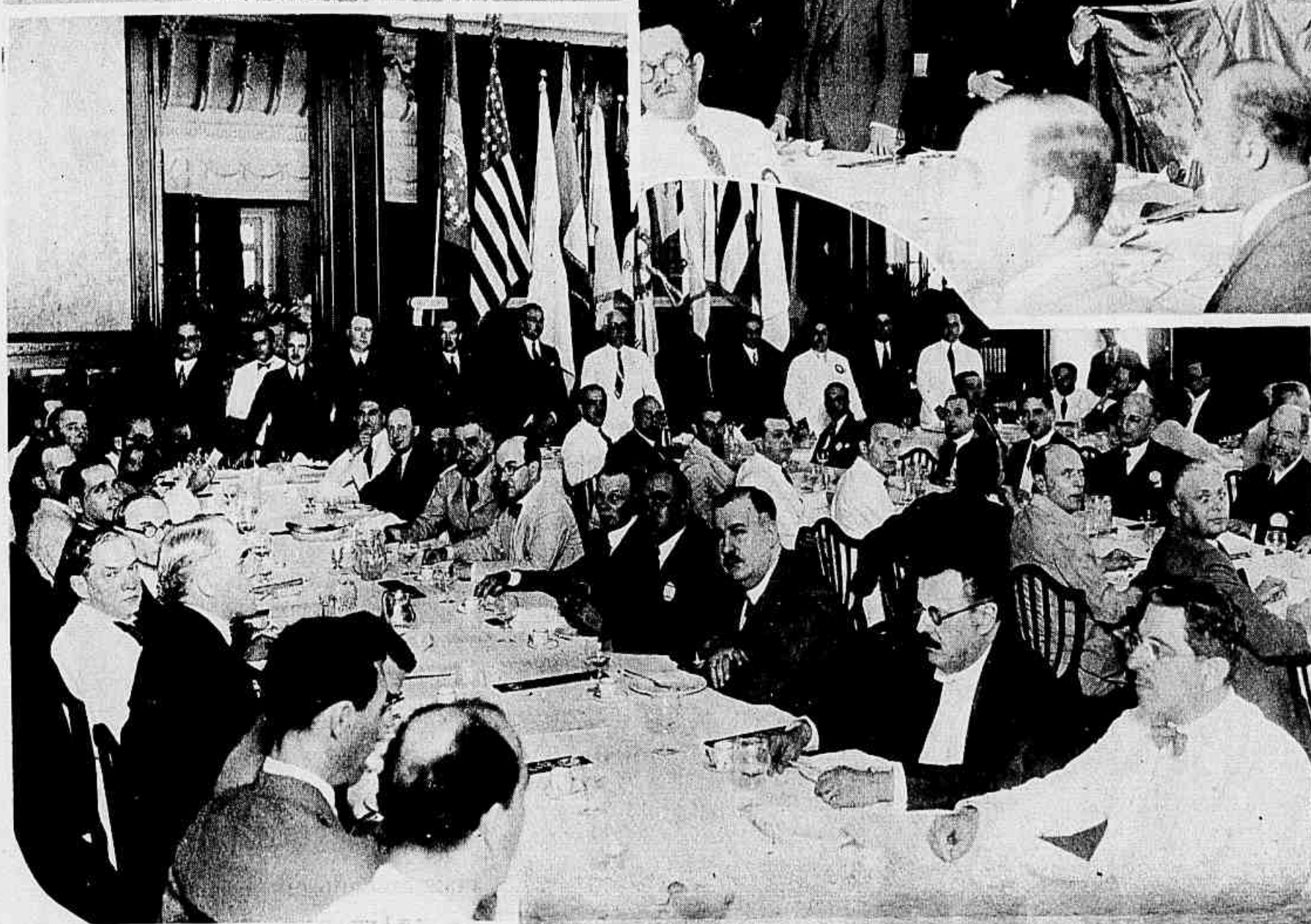
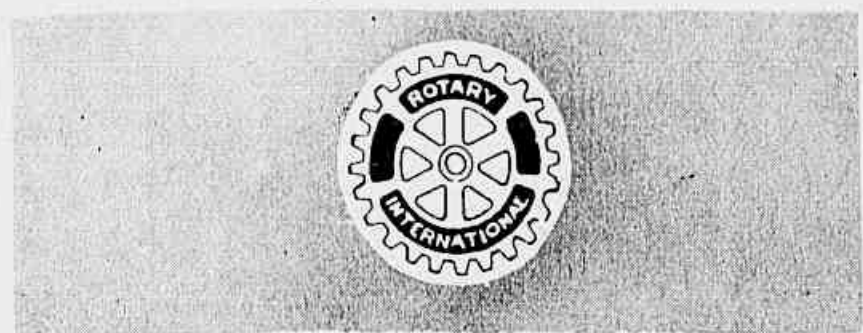
No pequenino Rio de Janeiro, grande devia ser o contraste entre a civilizada, sempre vestida, e a india, quasi sempre nua. Talvez fossem os traços de união de ambas as côres ou posturas de rosto empregadas pela civilizada e as pinturas usadas pelas indias. Pintavam-se estas umas ás outras, dando côr ás sobrancelhas, ás palpebras, pondo uma roda a pincel no meio das faces, tirada da roda uma espiral, azul, amarella ou verde, para mosquear e sarapintar o rosto inteiro.

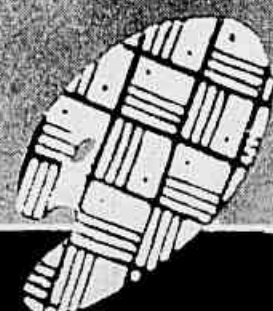
A parte do sexo feminino que se pinta no seculo XX não é altruista como as indias do seculo XVI. Agora cada faceira sabe de si e o *bâton de rouge* de todas.

Escragnolle Doria

Burguez, em traje do seculo XVI.

Burgueza, traje do seculo XVI.

A bandeira da Colombia no Rotary-Club

A ultima reunião do Rotary-Club tornou-se notavel por motivo da ceremonia da entrega da bandeira da Colombia enviada pelo Rotary-Club de Bogotá. Ao alto, a entrega da bandeira, que se vê em mãos do dr. Manuel Uribe Afanador, encarregado de negocios da Colombia, que agradeceu com brilho o convite que lhe foi feito para a importante reunião, e do sr. Luiz Pereira, presidente do Rotary-Club. A' direita do sr. Afanador, os srs. dr. Dario Rozo, sub-chefe da Delegação Colombiana de Limites com o Brasil; dr. Miranda Jordão e dr. L. H. Salamanca, addido á Legação da Colombia: á esquerda do sr. Luiz Pereira os srs. Belisario Ruiz Wilches, rotariano de Bogotá e chefe da Delegação Colombiana de Limites, que foi portador e entregou a bandeira em brilhante discurso, e dr. Cesar Pereira de Souza, que em nome do Rotary Club agradeceu a preciosa dadiva. Ao lado: um aspecto parcial da mesa do almoço.

Exposição A. Parreiras

Na Galeria Jorge, cujo prestigio de centro do nosso movimento artistico se ergue e accentua cada vez mais, está facultada ao publico amador das bellas artes a Exposição de Antonio Parreiras. São algumas dezenas de telas entre paisagens, figuras e obras de composição; e em todas se affirma o talento magnifico do pintor e o seu inconfundivel sentimento dos aspectos e expressões da nossa gente e da nossa natureza. Antonio Parreiras é um artista, um sonhador infatigavel. O seu enthusiasmo não conhece desfallecimentos. E, assim como a sua inspiração se mantem viva e prompta, assim a technica com que elle a serve nada perde da sua força, equilibrio e limpidez. Por isso nas exposições de Antonio Parreiras sempre ha que ver e que admirar — e sempre, infallivelmente, se encontra alguma coisa nova. As nossas duas photographias reproduzem aspectos da Exposição, vendo-se na da direita alguns dos artistas e homens de letras que compareceram ao acto inaugural.

NASCEU-NOS UM MENINO

POR FREI PEDRO SINZIG, O. F. M.

Poucos altares rivalizarão, em belleza, graça e arte, com o de S. Ulrico, em Augsburgo, que hoje reproduzimos em gravura.

E' a illustração do canto sacro:

Nasceu-nos um Menino
Na gruta de Belém;
Tão doce e pequenino!
Quanta lindeza tem!

Salve, Jesus querido,
Que a todos alegraes!
Messias promettido,
Por Deus, a nossos paes.

E vem á mente a pergunta que, ha pouco, apresentei na versão do livro de Maeder "Viva Christo-Rei!": *Onde Christo nasceria hoje?*

Não nasceria, de certo, na CAMARA MUNICIPAL. O governo — assim affirmam — tem que pisar no terreno plano do interconfessionalismo com extremo cuidado. Não se póde pôr ao serviço de determinado partido, o qual, ainda por cima, é extremista. Si Christo se limitasse a ser *christão*, então, sim. Mas elle era *catholico apostolico romano*, acreditava em milagres, na SS. Trindade, na Primazia do Papa... Portanto, o requerimento de Deus Padre, para ser concedida a Camara Municipal para novo Belem, por argumentos tirados da Constituição, teria que ser indeferido...

Attendendo ao facto de Christo, feito homem, ser a Sapiencia eterna, o Céu talvez tentasse obter, para logar de nascimento de Jesus, a UNIVERSIDADE. Esta não deixaria de sustentar que vae "de mãos dadas com Deus no cultivo do ideal", mas que não deve comprometter o caracter meramente scientifico da Universidade por um congraçamento com a Religião. O requerimento, por isso, tem que ser indeferido. "Por falta de logar."

Uma consulta na ESCOLA DE BELLAS ARTES teria o mesmo resultado. A literatura — responderiam — a pintura, a musica, etc. tinham fins exclusivamente artisticos. A Religião, de certo, offerece ricos assumptos para serem explorados pelas Bellas Artes, mas estas não poderiam renunciar ao reino infinito do Bello, vendendo-se a um só. Christo pretendia logar demais. Queria tudo!...

Oh! S. José, vae fazer uma ultima tentativa, timida embora. Não vês os grandes depositos? as fabricas e os Bancos? Lá tem logar.

Falhou! São os CASTELLOS DOS REIS DO DINHEIRO. Que tem Christo que ver — pensam elles — com carvão, ferro e seda? Nada adianta que S. José, num protesto, cite a primeira pergunta do Catecismo, pergunta fundamental. Os industriaes, conciliadoramente, proporiam que, por motivos de conveniencia, se concedesse, ao lado de Christo, um logar aos demais fundadores de religiões "christãs". E, como S. José não póde concordar, Christo-Rei tem de ficar fóra. "Por falta de logar."

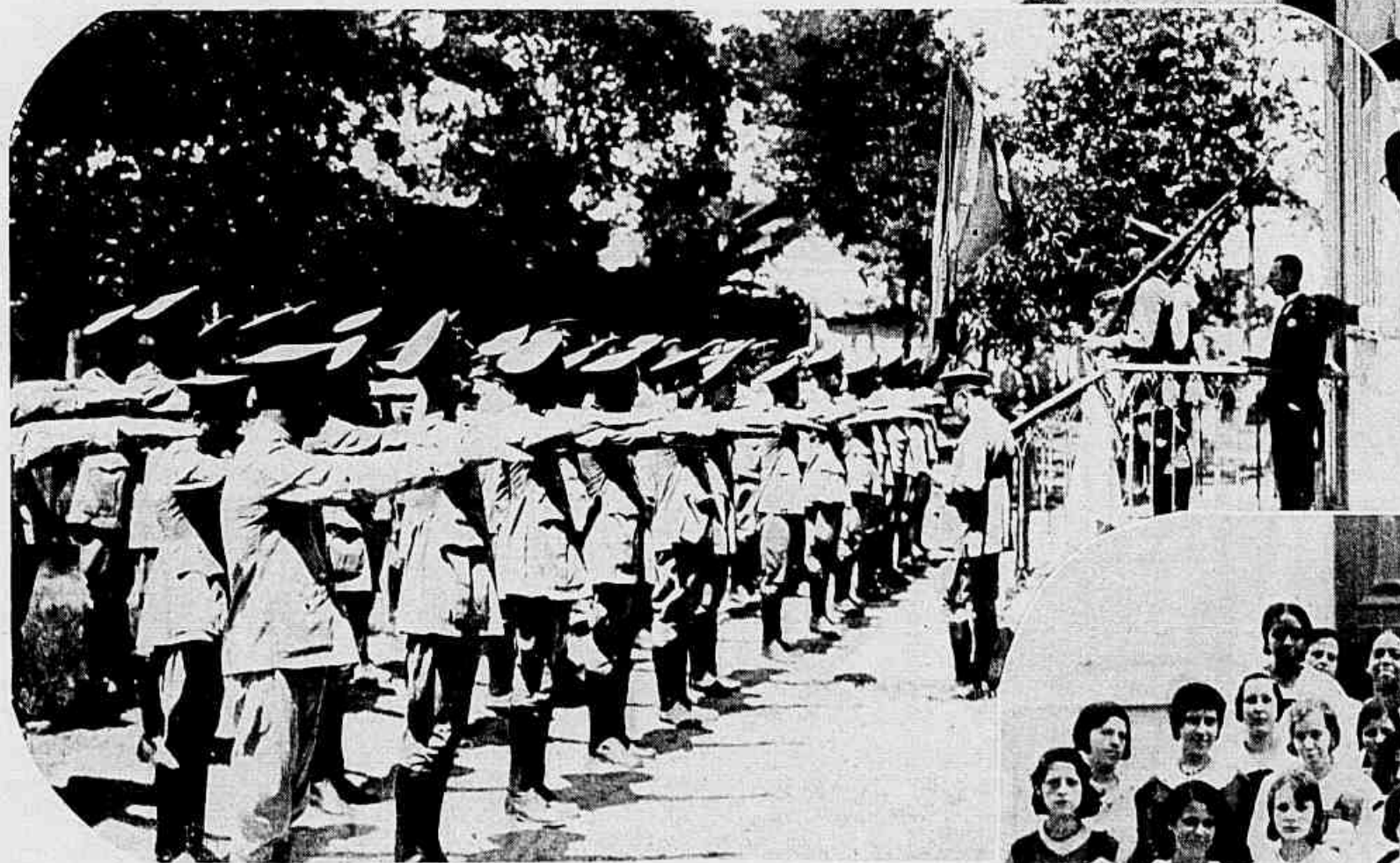
Além dos terrenos politico, economico e artistico, ha outros: o recreativo, o da sociedade, onde Christo tão pouco é admittido. Ora por principio, ora por conveniencia, um terreno depois do outro é subtrahido á influencia da verdade catholica. Não ha logar para o Rei.

Teria exagerado o corajoso escriptor suisso? Infelizmente, não admittem contestação as palavras finaes do respectivo capitulo: "O deicidio no Calvario parece-nos mais franco e viril do que esta privação de ar, de luz e de logar, até a morte por asphyxia".

Que as festas de Natal nos façam reflectir sobre a nossa attitude real a respeito do Menino-Deus, Christo-Rei!

Vida Fluminense

As novas Filhas de Maria e aspirantes que receberam a fita na igreja de S. Domingos, em Nictheroy. Vê-se ao centro S. Ex. Revma. d. José Pereira Alves, bispo Diocesano.

Grupo tirado na Escola Normal de Nictheroy após a inauguração da exposição de trabalhos, por motivo do encerramento do anno lectivo. Vê-se assignalado o sr. Armando Gonçalves, director da Escola Normal.

O juramento á bandeira pelos reservistas da Escola de Intendencia Militar da Academia Fluminense do Commercio.

Grupo de alumnas que terminaram o curso da Escola Profissional Aurelino Leal, após a missa votiva resada na Cathedral de Nictheroy.

A' esquerda — Grupo feito após a solemnidade do juramento á bandeira pelos reservistas da E. Intendencia Militar da Academia Fluminense de Commercio, vendo-se empunhando a bandeira a senhorinha Conceição Lopes.

O BEBE' E A TIGELA

POR CLARA LUCIA

DEPOIS de lhe haverem dado o mingáu da merenda, quizeram naturalmente levar a tigela. Bebé, porém, protestou. Agarrou-se a ella com unhas e dentes, unhas molles ainda como papel, dentes que ainda não tinham nascido, mas nem por isso, aquellas e estes, menos energicos e efficazes. Tomou conta do objecto seductor cuja posse para elle representava tanto como para um general a conquista duma cidade—que digo eu?—dum imperio. E agora o contempla e o gosa de todas as maneiras que um avarento, um sabio, um artista ou um poeta poderiam imaginar.

Corre-lhe em volta os dedos deliciados da lisura e frescura da porcelana. Sopesa-a longa e gravemente, como se, depois de lhe admirar a esbelteza da fórma, lhe calculasse o exacto valor material. Leva-a á altura dos olhos e, contra a claridade forte da janella, tem o espectaculo prodigioso do corpo translucido, quasi tão offuscante como o sol. De novo a apalpa, revira, observa e concentradamente analysa, na esperança, de certo, de lhe descobrir novas propriedades maravilhosas... Mas essa phase de sublime intellectualidade cede de repente a um surto do baixo instincto.

O pesquizador, o idealista lembra-se do gosto suave do mingáu de ha pouco e, com a gula assim excitada, lambe, suga e tenta mastigar a tigela, a ver se o continente se não tornará, com um pouco de esforço e de methodo, da mesma natureza regaladora do conteúdo. Desengana-se. Aquillo, como paladar, não vale nada; e, como alimento, é inaproveitavel.

"Bom — diz Bebé, na linguagem que ainda não tem forma nem som definidos, mas que elle utiliza e entende na perfeição — tentemos outra coisa".

Decididamente está num dia de enthusiasmo estudioso e experimental, egual áquelles em que Archimedes fixou o seu principio de hydrostatica e Newton descobriu as leis da gravitação. Assim elle, batendo o objecto contra a resistencia da mesa, chega á revelação magnifica do som. A tigela despede um ruido delgado, limpido, jovial... O sabio torna-o mais intenso ou mais leve, martelando com mais ou menos vigor, sempre attento e methodico na observação dos effeitos... Duma vez que, segurando a tigela pela borda, dá uma pancada ligeira, o som ganha em suavidade e adquire certa elasticidade... Que triumpho!

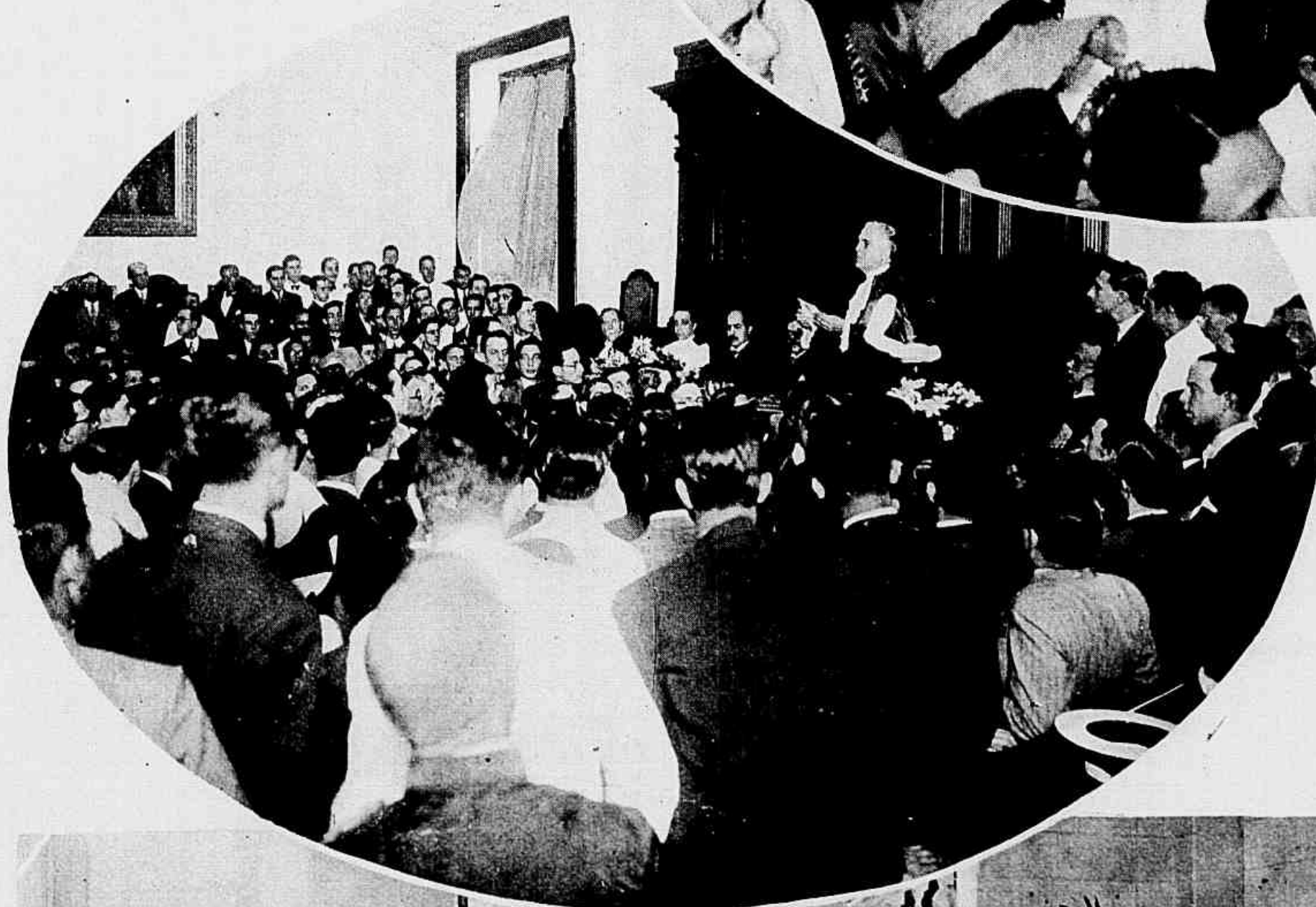
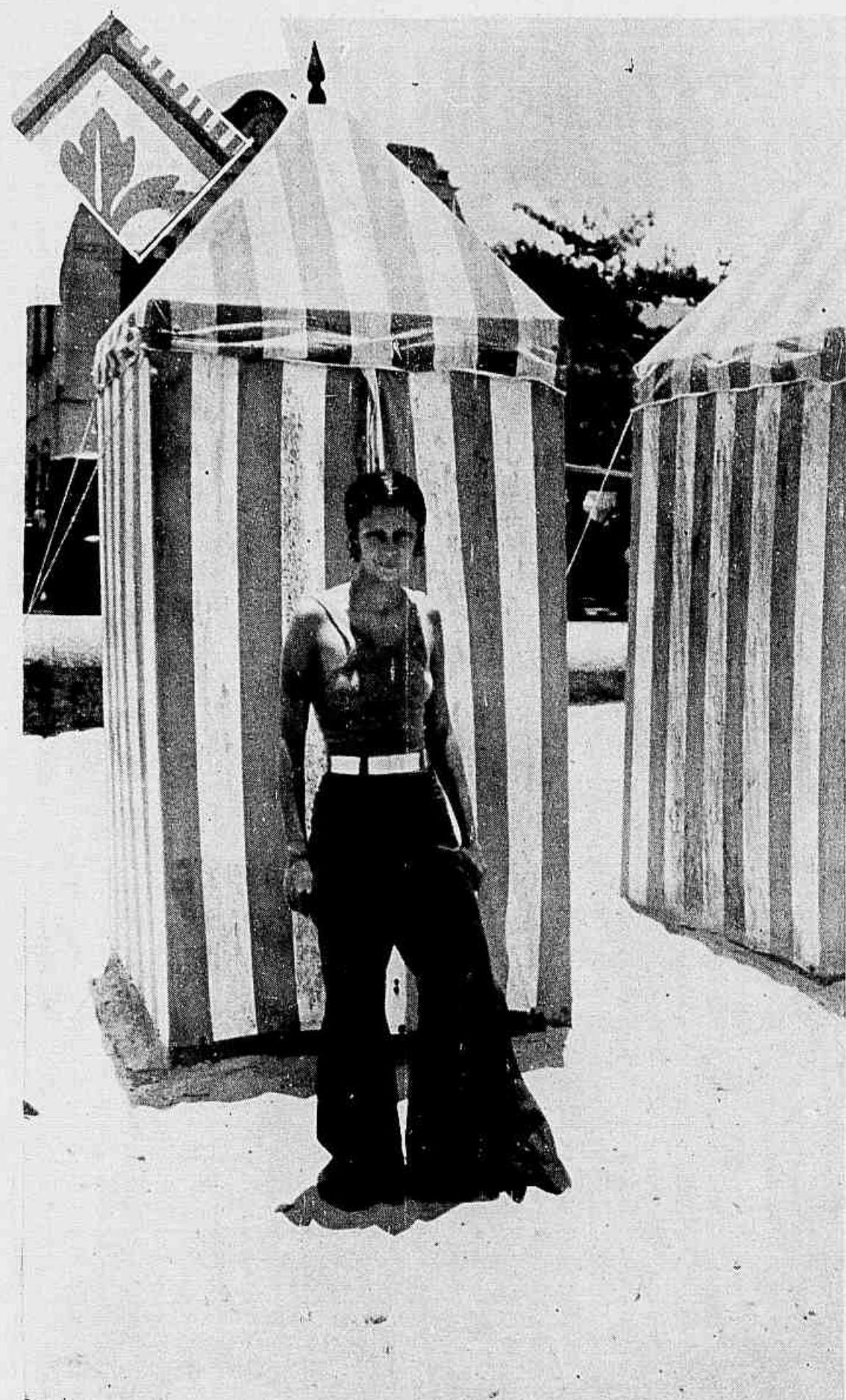
Debalde, porém, o genial experimentador trabalha para que o phenomeno se repita. Emprega todos os dedos, applica um dedo só, arrisca o impulso dum pé, do outro pé; reflecte, varía ainda de processos, vale-se da astucia e da velhacaria... Tudo em vão!

Possue-o então uma crise de desanimo. Immovel, olha a tigela que lhe não revela nem suggere mais coisa alguma, com um ar sombriamente desgostoso da sciencia e de tudo o mais...

Mas logo o semblante se lhe desanuvia. Acode-lhe um sorriso que se vae accentuando, alargando, e passa a vibrar e a explender até dar idéa duma réstea de sol. Bebé toma a tigela com ambas as mãos, mira-a bem, por dentro e por fóra, para definitivamente se convencer de que tem alli um adorno de incomparavel graciosidade; e não sem custo a deborca sobre a molleirinha. Depois, exultante, victoriosamente desata a bater palmas. A tigela tenta ainda um momento equilibrar-se; á mercê, porém, de tão tumultuoso jubilo, escorrega, cae, faz-se em pedaços.

E Bebé, esgazeado, estarrecido, olha os cacos de porcelana, como se representassem o esphacelamento dum mundo...

Clara Lucia

OS MEDICOS DE 1930

Ao alto: grupo tirado na igreja de S. Francisco de Paula por occasião da missa mandada resar em acção de graças pela conclusão do curso, pelos medicos de 1930, vendo-se ao centro s. ex. o Bispo d. Mamede, que officiou. *A seguir:* aspecto durante a collação de gráu no edificio da Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha. *Ao lado:* o prof. Fernando Magalhães — substituindo o paranympho, prof. Pacheco Leão, ausente por enfermo — pronunciando o seu discurso allusivo ao acto, tendo á direita o sr. Francisco de Campos, ministro da Educação, que presidiu á ceremonia. *Em baixo:* grupo de senhoras e senhorinhas que compareceram á collação de grau e tomaram parte no baile realizado na Faculdade de Medicina

A "SEASON" BALNEARIA

O verão tardou desta vez... Parecia até não mais querer vir... Antes fosse!

Mas tambem elle quando tarda vem em caminho! E veiu, terrivel, pavoroso, dando-nos a impressão de que o Rio é a cidade mais quente do mundo.

De outras vezes, já em Novembro as praias attestavam os primordios do estio, regorgitando

"no triumpho immortal da carne e da belleza", na omnipotencia da polychromia alacre dos mail-lots. *Agora, tardou um pouco. Mas o verão ahi está, terrivel, abrasador, incendiando tudo, numa volupia infrene, e as praias começam a repovoar-se, revivendo esplendidamente, na inauguração da* sea-son *balnearia.*

ANNIVERSARIOS

No dia 27 — a sra. viuva Alice Pinheiro; o dr. Francisco Eiras; os srs. Vicente Granado, Armando Mangia, Joaquim da Cunha Ribas.

No dia 28 — as sras. Deolinda Burlamaqui, Risoleta Calazans e Nadir Carneiro da Silva; as senhorinhas Marina Ferdinando Costa, Nadir Niemeyer e Judith Rudge; o jornalista Luiz Barbosa; o ex-deputado Aristarcho Lopes; o commendador Pereira da Cunha; o dr. Raul Magalhães; o Marquez de Diniz, nosso prezado companheiro.

No dia 29 — senhoras Francisco Salles, Lamego de Carvalho, Maria Luiza Moreira, Zilda Corrêa da Costa Silva Pessôa; as senhorinhas Véra Affonso Vizeu, Augusta Ferreira Morão, Dalka da Graça Autran; os drs. Luiz Tavares de Macedo e Antonio Jansen; o dr. Henrique Lagden.

No dia 30 — a sra. Adelaide Valentim Leite Garcia; as senhorinhas Elza Muller Leal e Lia Corrêa Dutra; os drs. Emmanuel Sodré, Isidro Figueiredo e Sabino Nogueira da Gama.

No dia 31 — senhoras Felix Pacheco, Beatriz da Gama Noronha, Luiza Gomes da Silva Abranches; senhorinhas Maria Esther Valerio Caldas, Maria Clementina Pereira Lima, Sylvia da Cunha; dr. Joaquim de Aguiar Pinto; o menino Luiz Felippe, filho do dr. Saturnino de Castro; o nosso antigo companheiro de direcção e presado amigo Arthur Brandão.

No dia 1 — a sra. Orminda de Miranda Rodrigues; as senhorinhas Zita Coelho Netto, Beatriz Veiga, Odette Moniz, Francisco Ferreira Botelho, Iracema Valladão, Nair de Carvalho Bastos e Beatriz Hortensia Bomilcar da Cunha; o commandante Joaquim dos Santos Maia; o joven Mario, filho do casal Mario Mangia; o escriptor Oscar Lopes.

No dia 2 — senhoras Abdon Milanez e Maria Rodrigues da Fonseca Lessa; a senhorinha Amelia de Mello Franco; o ex-deputado Gumercindo Ribas; o desembargador Bulhões Pedreira; o dr. Helenio de Miranda Moura; o coronel Cunha Barros; o dr. Faria Rosa.

NOIVADOS

— a senhorinha Judith De Vincensi e o sr. Laudo Fernandes da Costa;

— a senhorinha Josephina Pereira e o dr. Nicoláo Braile;

— a senhorinha Judith de Abreu e o sr. Mario Cavalcanti.

CASAMENTOS

— a senhorinha Celina Portocarrero e o sr. Jean Slavinsky;

— a senhorinha Nair F. Guedes e o dr. João Dusante;

— a senhorinha Albertina Marques Pereira e o sr. Gabriel Pereira da Silva;

— a senhorinha Adair Teixeira Leite e o dr. José Mariano Carneiro Leão Junior;

SOMBRA E LUZ, versos de Lia Corrêa Dutra... Eis um livro que por diversas razões devemos considerar superior e raro. E' uma estréa e um triumpho.

A senhorinha Lia Corrêa surge na poesia com uma elevação e um fulgor verdadeiramente extraordinarios. Algumas das suas composições dariam idéa, a quem lhes não soubesse o autor, dum poeta já longamente vivido e sempre applicado a estudar a alma dos seus semelhantes — e a propria. Poetas são, na phrase do feerico Martins Fontes, philosophos que pensam com o coração. A poetisa de *Sombras e Luz* tem um coração extremamente delicado e em que ha lampejos de genio. Pelas paginas deste livro correm, por entre os versos espontaneos, impetuosos e com toda a aparencia de faceis, conceitos e reflexões duma eloquencia, duma profundidade que assombra.

Menina e moça como lhe chamaria o ineffavel Bernardim, o seu espirito conquistou já, pela cultura, pela clarividencia, pela elevação, uma influencia dominadora. Em geral os seus versos não dão apenas a impressão da belleza e da graça; e tanto quanto se fazem admirar obrigam a pensar. Aquelles mesmos em que a poetisa não cuidou de ser artista — e por isso lhes deixou senões facilimos de eliminar — encerram um grande e vibrante sentimento; e todos elles querem dizer e de facto dizem coisas que excedem as exigencias do metro e vão além da rima. A senhorinha Lia Corrêa Dutra é um dos maiores poetas da nova geração.

— a senhorinha Haydée Guahyba e o sr. Fernando Short Vieira;

— a senhorinha Lucilia B. de Toledo e o dr. Paulo Duarte Cruz.

Em Budapest: — a senhora Kayos Lozio e o dr. Carlos da Silveira Martins Ramos, secretario da legação do Brasil.

DIPLOMATAS

Muito encantadora a recepção que o diplomata sr. Keeling offereceu em sua aprazivel vivenda, á Avenida Oswaldo Cruz, em dia da semana passada.

Gente formosa e elegante enchia as lindas salas de sr. Keeling. E assim é que lá estiveram presentes a sra. Octavio Simonsen, a baroneza de Saavedra, a sra. Alberto Betim Paes Leme, o embaixador da Italia e a sra. Cerruti, as senhorinhas Heitor de Mello, a sra. Seligman, a sra. Neyra Bernardes Muller, a sra. Monteiro de Barros, a sra. Alberto de Faria, a sra. Cavalcanti de Lacerda, os condes de Robilant e Saize e tantos outros nomes brilhantes da sociedade, que encheram de alegria e graça aquelles fidalgos salões.

❉

A embaixada da Grã-Bretanha transferiu a sua séde para Petropolis.

CHÁS DE ELEGANCIA E CARIDADE

Têm transcorrido encantadoramente as bellas tardes de chá organizadas em favôr das obras da igreja de N. S. do Prompto Soccorro.

A loja da rua Gonçalves Dias 30 tem tido uma concorrencia sempre grande e brilhante, e isso já por varios dias. Um destes ultimos chás teve o patrocinio da senhora Hermano Barcellos, que lhe deu uma feição inedita e patriotica, fazendo servir o nosso delicioso matte com pão genuinamente brasileiro fabricado exclusivamente com farinha nacional.

Foi uma lembrança digna de todos os applausos o da illustre senhora Hermano Barcellos.

LINDAS FESTAS DE NATAL

Foram realmente lindas e dignas de registro as festas de Natal da Pequena Cruzada, da Casa da Creança e do Fluminense F. Club. Cada qual esteve mais formosa. Uma fartissima distribuição de brinquedos, roupas, bonbons e doces. E ainda uma alegria enorme enchia aquelles coraçãozinhos puros, no feliz dia do Nascimento de Jesus.

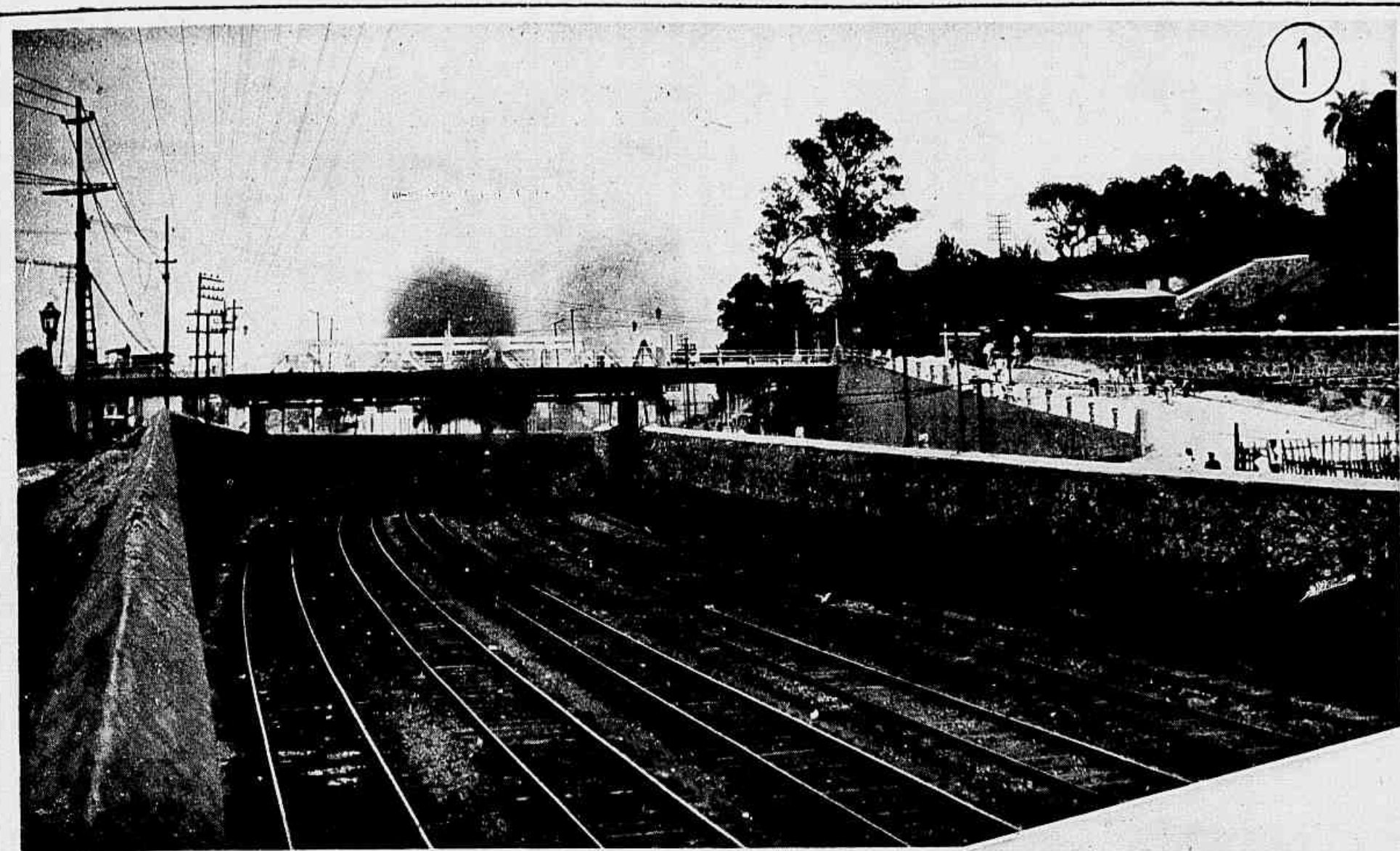
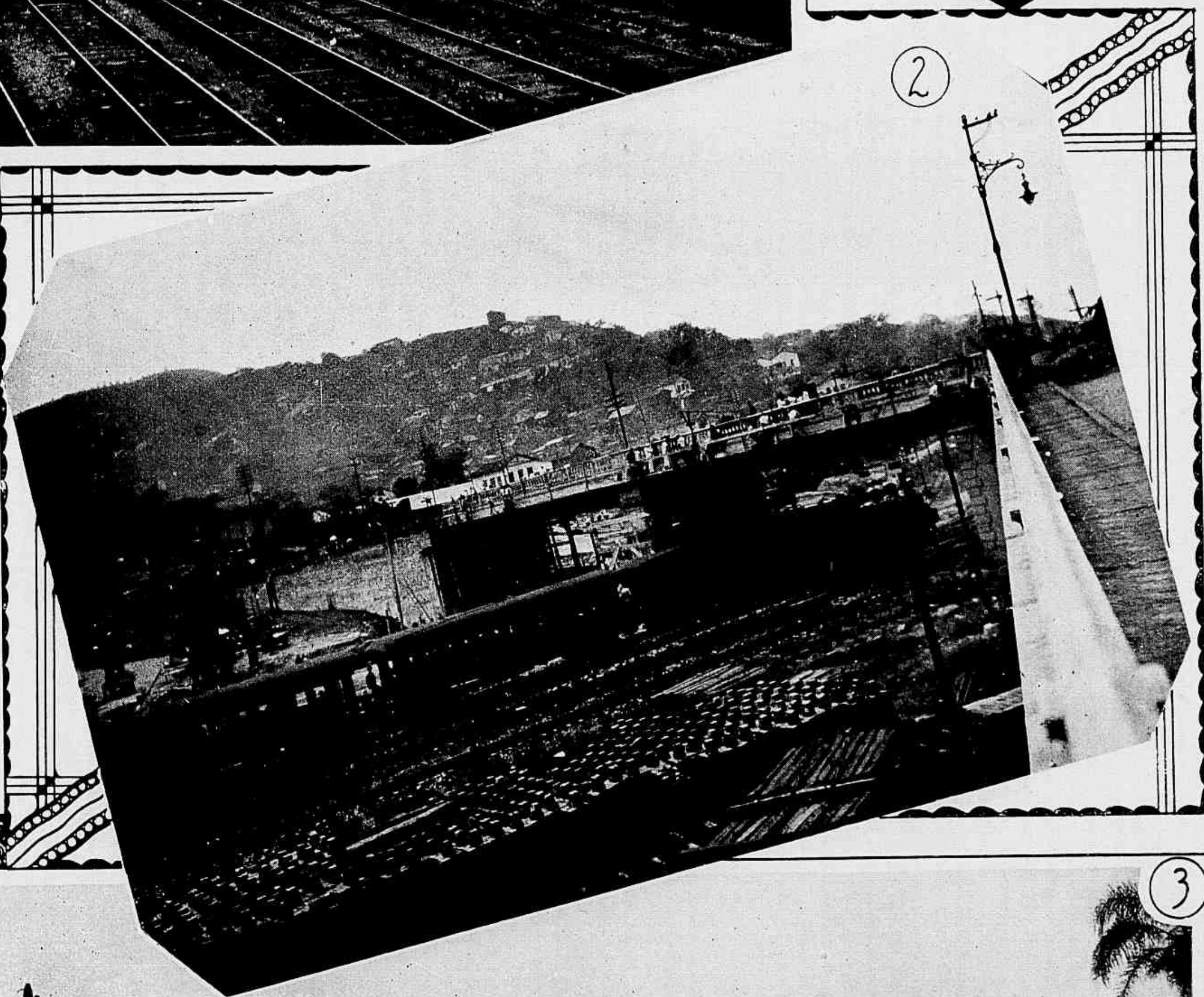
RÉVEILLONS DE S. SILVESTRE

Annunciam magnificos e ruidosos *réveillons:* o Fluminense F. C., e o Botafogo F. C., estando todos empenhados em offerecer aos seus associados a mais alegre e deliciosa noite de S. Silvestre.

BAILES

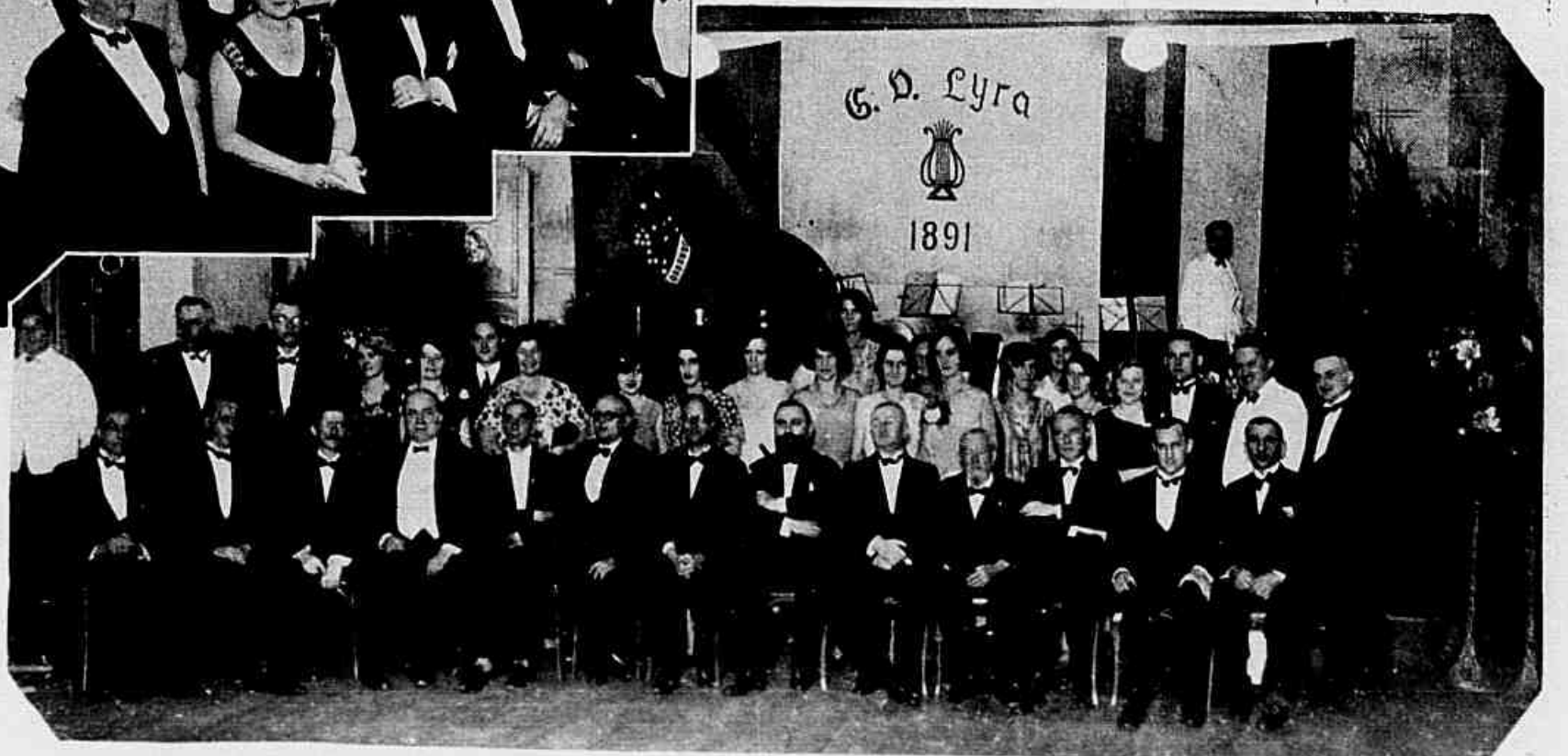
O Tijuca Tennis Club realizará hoje, no Hotel Gloria, um grande baile, com o qual commemorará o primeiro anniversario da gestão da actual directoria.

E' de esperar, como das outras vezes, que esse baile seja mais uma nota de destaque nos annaes da fina sociedade tijucana.

O banquete offerecido pelo sr. Nuncio Apostolico ao sr. ministro do Exterior e Corpo Diplomatico. Vêem-se sentados, ao centro, monsenhor Aloisi Masella, nuncio apostolico, e o sr. Afranio de Mello Franco, ministro do Exterior. A' direita deste, os srs. Francisco Campos, ministro da Educação; Lindolfo Collor, ministro do Trabalho, e prof. Miguel Couto. A' esquerda do sr. Nuncio Apostolico, os srs. J. M. Whitaker, ministro da Fazenda; conde de Affonso Celso e almirante Marques Couto. De pé, entre outros, os srs. ministros da Allemanha, do Uruguay, da Turquia, da Suecia e do Perú.

OS NOVOS ASPECTOS DO RIO

Aqui estão tres aspectos novos do Rio, que representam garantias reaes para pedestres e vehiculos, por isso que mostram a substituição do nivel commum pelas passagens sobrepostas ás linhas ferreas. *Ao alto :* ponte para vehiculos entre as estações de Piedade e Quintino Bocayuva, da Estrada de Ferro Central do Brasil. *Ao lado :* ponte para vehiculos em S. Francisco Xavier, ligando as ruas Visconde de Nictheroy e São Francisco Xavier. *Em baixo :* ponte para vehiculos na estrada de rodagem Rio--Petropolis (Estação de Amorim, na E. F. Leopoldina.)

A primeira recepção do Embaixador da Italia

A primeira recepção de s. ex. o sr. Embaixador da Italia e senhora Vittorio Cerruti ao Corpo Diplomatico e alta sociedade carioca. Vê-se sentada ao centro, entre o sr. Nuncio Apostolico e o sr. Afranio de Mello Franco, ministro do Exterior, a senhora Getulio Vargas. Tambem se vêem sentados o sr. Francisco Campos, ministro da Educação, e as senhoras Embaixatriz da Argentina e ministra do Perú. De pé, em companhia do sr. Embaixador da Italia e senhora Vittorio Cerruti, entre outros, os srs. Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal Federal; Conde Dejean, embaixador da França; A. Benitez, ministro da Espanha, e embaixador Abelardo Roças.

Musica allemã

A noite festiva da Sociedade Allemã de Canto "Lyra", realizada para inauguração da sua nova séde. Vêem-se aqui um aspecto da assistencia e outro do "buffet" dos convidados de honra. Ao lado, um grupo feito no acto da inauguração da séde, vendo-se o sr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha, que tem á direita o sr. encarregado de Negocios da Suissa e o sr. secretario da Legação da Austria, e á esquerda o sr. Schmidt, fundador da Sociedade.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

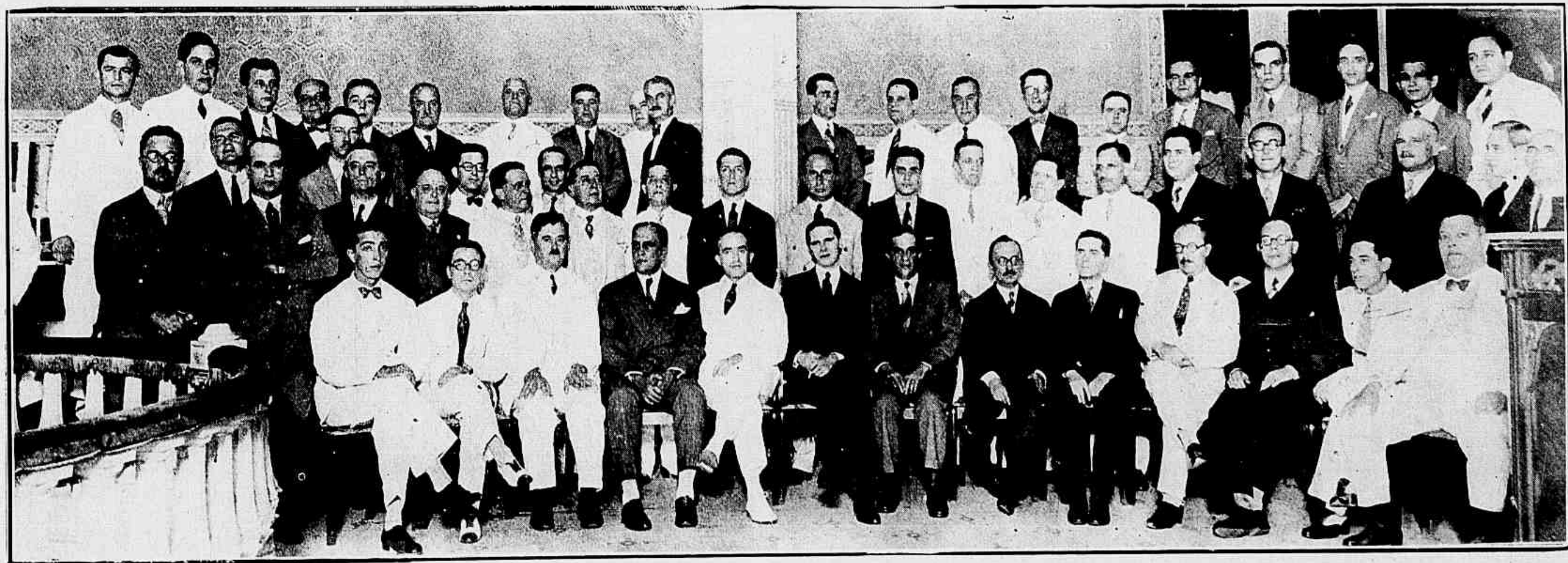
Um lindo grupo feminino colhido no ultimo baile realizado no America Foot-Ball-Club.

Sta. Therezinha.

Santa Therezinha de Jesus

Já se encontra no Rio de Janeiro, tendo sido executada em Paris pelo pintor brasileiro Manoel Madruga, a grande tela representando Santa Therezinha de Jesus e destinada á matriz a que foi dado o nome da meiga santa de Lisieux — no novo bairro da Urca.

A grande tela foi confeccionada por encommenda de um illustre grupo feminino do Rio de Janeiro, composto das senhoras Lindolfo Collor, Cincinato Braga, Luciano Pereira, Oscar Visconti, Silva Fonseca, Alexandre Bayma, Edgard de Oliveira Castro, Alice Santos, Esther Kós, Lyra Castro, Mario Renato de Castro, Manuel Duarte, Raul Sá, José Maria Bello, Leclerc Castello Branco, Antonio Maia Santos, Antonio de Azevedo Maia e Otto Prazeres.

Antes de ser entregue a S. Em. o Cardeal d. Sebastião Leme, o quadro será exposto durante alguns dias.

Grupo tirado antes do banquete offerecido pelo Centro do Cammercio de Café aos seus consocios srs. Oliveira Castro, Pedro Vivacqua e Araujo Maia, por motivo da sua recente eleição para directores da Associação Commercial. Vêem-se os homenageados sentados entre membros da directoria do Centro e rodeados de consocios.

A "Exposição dos Cinco", inaugurada no sabbado ultimo, com grande successo, e que se conservará aberta até 3 de Janeiro proximo. A' esquerda, os "Cinco", em companhia do poeta Paschoal Carlos Magno, que patrocinou a exposição. A' direita, um aspecto tirado na ceremonia inaugural, vendo-se os expositores entre artistas, figuras da sociedade e pessôas gradas, figurando ao centro o dr. Belisario Penna, director do Departamento Naciona! da Saude Publica.

Homenagem á Missão Naval Americana

O banquete da Marinha Brasileira á Missão Naval Americana, por motivo da sua partida do Brasil. Ao centro do grupo, o almirante Noble Irwin, chefe da Missão, que tem á esquerda o almirante Conrado Heck, ministro da Marinha, e á direita o almirante Francisco de Mattos, ex-chefe do Estado Maior da Armada, e almirante Isaias de Noronha, ex-ministro da Marinha.

Aspecto da inauguração da Exposição do jovem pintor Oswaldo Teixeira. Acontecimento dos mais brilhantes no nosso mundo artistico. Vê-se o laureado pintor assignalado por uma cruz.

Aurora Bruzon

A pianista brasileira senhorinha Aurora Bruzon, a quem diversas vezes e ainda bem recentemente nos referimos, continúa a obter na Allemanha os exitos que na sua edade e nas suas condições se podem considerar mais brilhantes. Tendo ido para o Velho Mundo afim de completar a sua educação artistica, não tardou a mostrar que daqui fôra já num gráu de adiantamento deveras notavel. E os novos concertos que o mez passado realizou em Berlim valeram-lhe aplausos do publico e louvores da critica que só os verdadeiros artistas realmente conquistam.

FILIGRANAS

Como é triste uma partida! Pelo mar, então, é quasi doloroso. No paquete majestoso, uma multidão se agita. Alguns dispersos, sentados aqui e alli, são os consolados. Outros de pé na amurada, apoiados no braço, contemplando, são os desconsolados. Ha apertos frementes de corpos, abraços de despedida com phrases emotivas; uns, só de vêl-os, compungem. Ouvem-se de instante a instante estalidos de beijos... De repente um ruido forte, prolongado nos fere o ouvido. E' o signal da partida, signal que nos infunde uma impressão tal como se equivalesse a uma noticia funesta... Os olhos marejam-se de lagrimas. Ha soluços alternados. E' a saudade em seus aspectos.

— Minha amiga, não queiras nunca viajar sózinha.

❋ ❋ ❋

Ha uma melancolia emocional na luz do dia que se apaga. E' que até a natureza em se tratando de morte parece soffrer.

❋ ❋ ❋

— Você já reflectiu bem, meu amor!? Você tem a certeza de que me deseja assim como eu sou... Não creio! Sou tão feia e sem attractivos! E você, um moço bonito, sempre nas grandes cidades... Quantas outras não haverá por ahi que o queiram!... Mas eu... E mesmo, quando chegar á capital... Adeus, amor! Você se esquece.

Com o semblante moreno pendido para o chão, as palavras sahiam-lhe dos labios em botão, pausadas e commovidas, ao pronunciar estas cousas.

Exultando de alegria o rapaz fallou:

— Não, minha amada, nunca. Serás sempre minha. Que me importam as outras? Todas são a tua imagem quando as vejo...

Ferida no intimo com a sua voz maguada e sincera, ella mordia o lenço de chita vermelha bem na pontinha. Os seus olhos estavam rasos d'agua.

❋ ❋ ❋

Ella começou a fallar como opprimida, receiosa dizendo:

— Meu querido, quero-te, muito, muito...

E acrescentou com um soluço:

— Mas o meu sonho não se realiza... E' impossivel...

— Tolice! Por que?!

— Bem sabes. A sociedade... as nossas posições... Eu resido aqui, nesta avenida, e tu num palacete de bairro chic. E as tuas amizades!? Quem me déra frequentar as casas que visitas. E eu não posso, não, não...

— Porque não me amas, comprehendo...

— Não blasphemes. Queria ser tua, mas...

— Que?! Falla...

Ella, com voz sumida:

— Alem de tudo, sou pobre, muito pobre ao passo que...

— A pobreza é uma virtude, querida, uma virtude sublime. Desconhece os grandes males. Essa circumstancia e a tua belleza são os meus maiores encantos.

Ella sorrindo deixou-se abraçar enlevada...

❋ ❋ ❋

Nas asas do vento espalhava-se á tôa um cheiro esquisito de mattaria e flores agrestes. Na noite linda as estrellas como diamantes luziam furtivas...

O carramanchão deserto tinha ainda um perfume vivo de carnes jovens...

Agora, sob o pallio da noite fria, isolado, elle parece sentir a sua solidão. Talvez por isso estala, de quando em quando, com um vento mais forte.

Paulo Nery

RAUL

Pódem todos falhar, menos elle! E desta vez chegou em primeiro logar e foi, por isso, o primeiro a abraçar-nos.

Como sempre, Raul dá-nos as Bôas Festas com o seu original cartão, que nos mostra a silhueta do Principe da Caricatura organizada com os algarismos do anno. Raul creou assim uma arte original, toda sua, que tem, de resto, provocado imitações sem conta.

De anno a anno, cresce o numero dos que procuram imitar o mestre, realizando composições mais ou menos interessantes no genero. Nunca, porém, o egulam. E superal-o seria impossivel.

A REVISTA DA SEMANA registra aqui a cortezia do seu mais velho collaborador — de cujo lapis tanto se orgulha — e, reproduzindo o *calunga* festivo de Raul, retribue os votos de Bôas-Festas do grande mestre da caricatura.

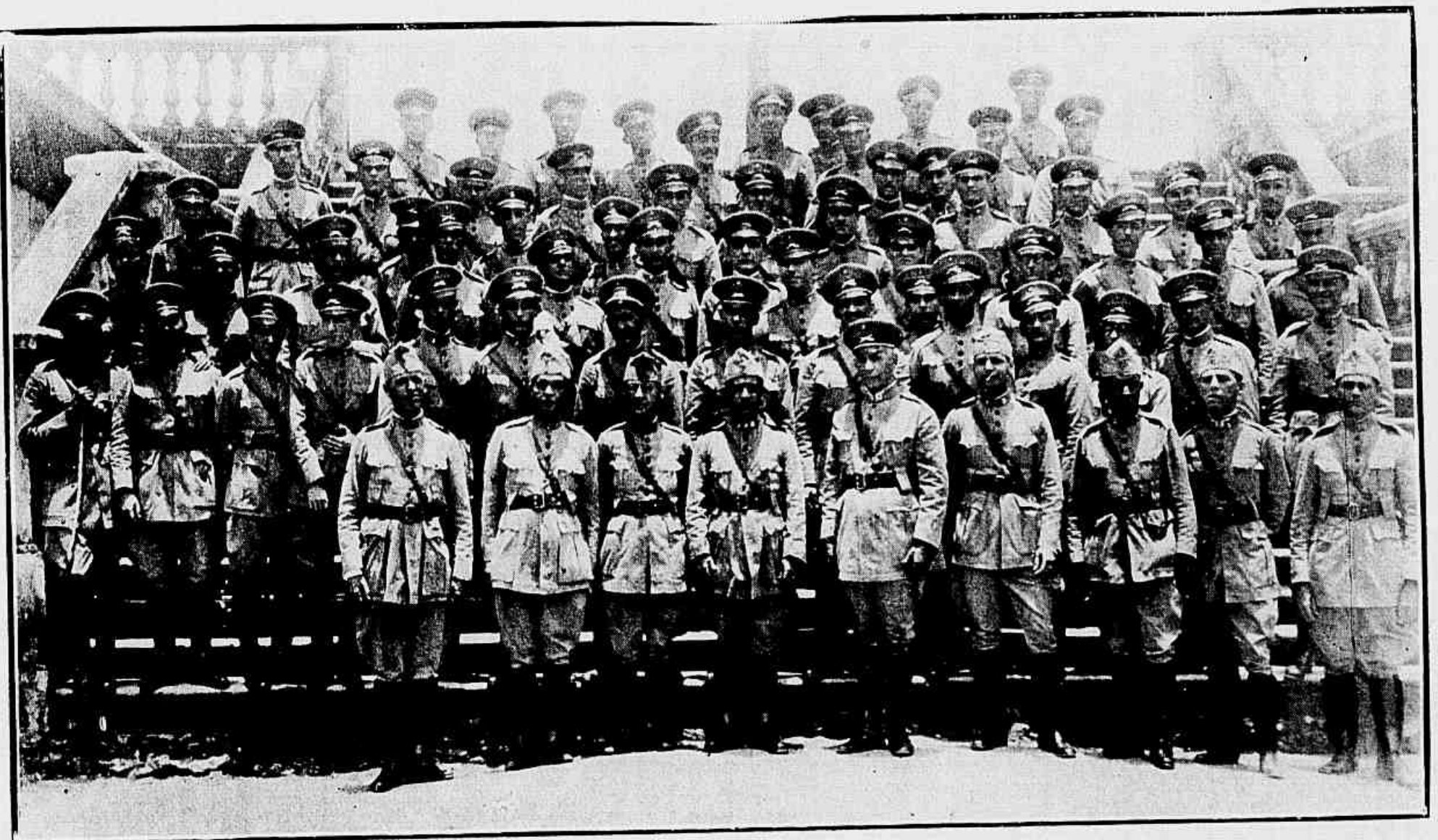
"Contos de Natal"

João Luso, o escriptor consagrado dos *Elogios* e dos *Reflexos do Rio*, o artista delicioso dessas "Dominicaes" com que vem mantendo, ha tantos annos, o brilho e o calor de uma legitima reputação literaria, João Luso, nosso querido companheiro que tanto fulgor dá ás paginas da REVISTA, reservou para os seus admiradores de Portugal e do Brasil um excellente mimo de festas: uma nova edição dos seus *Contos do Natal*, que causaram, ao apparecer, tantos e tão justos encomios. João Luso, que serve com egual esplendor a duas patrias da mesma lingua (que no seu coração se fundem e integram em uma só Patria), é um prosador elegante, um paisagista subtil e, antes de tudo e acima de tudo, um espirito de encantadora plasticidade que tão bem sabe tecer o fio de ouro de uma novela como bosquejar, em duas pinceladas leves, o quadro psychologico de uma emoção.

Chronista, critico de theatro, *conteur*, critico de arte, João Luso é um dos escriptores mais justamente queridos e admirados no scenario das letras luso-brasileiras. D'ahi o justo successo que terá a 2.ª edição dos *Contos de Natal*.

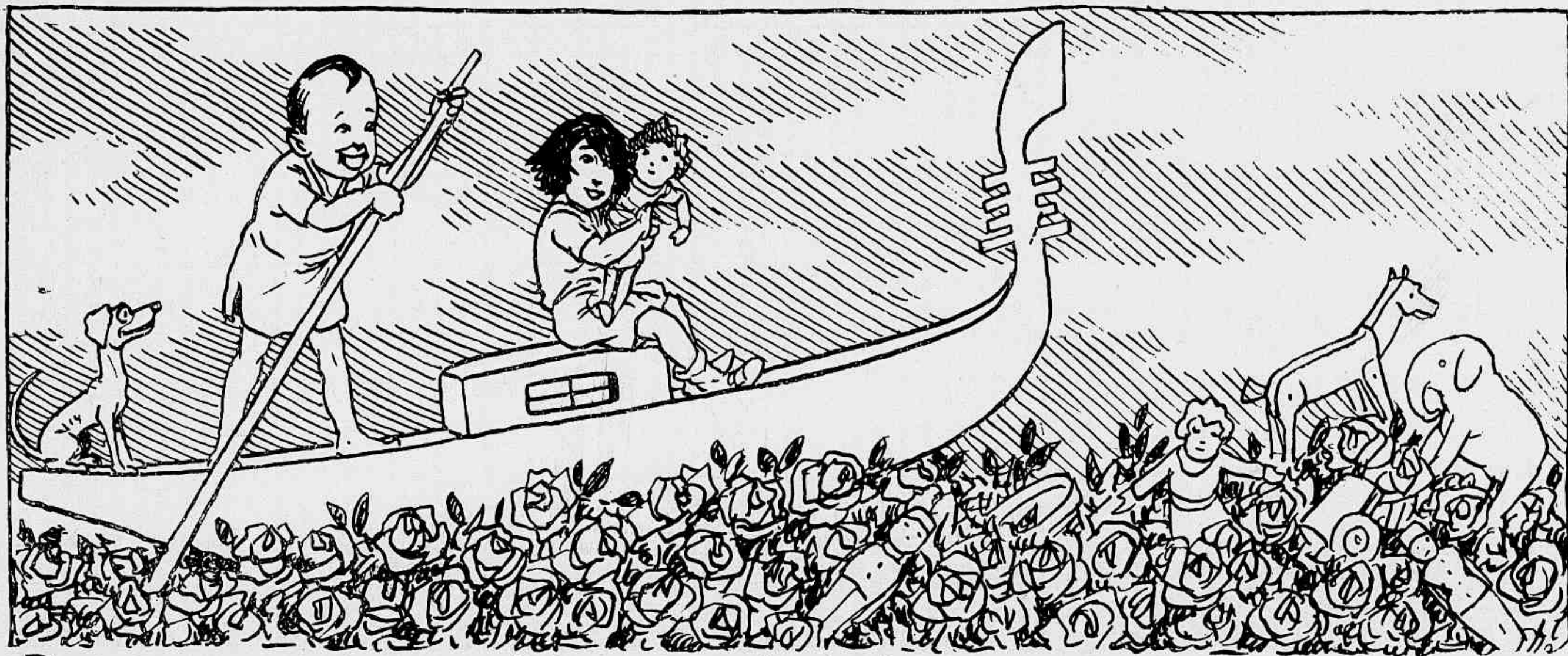
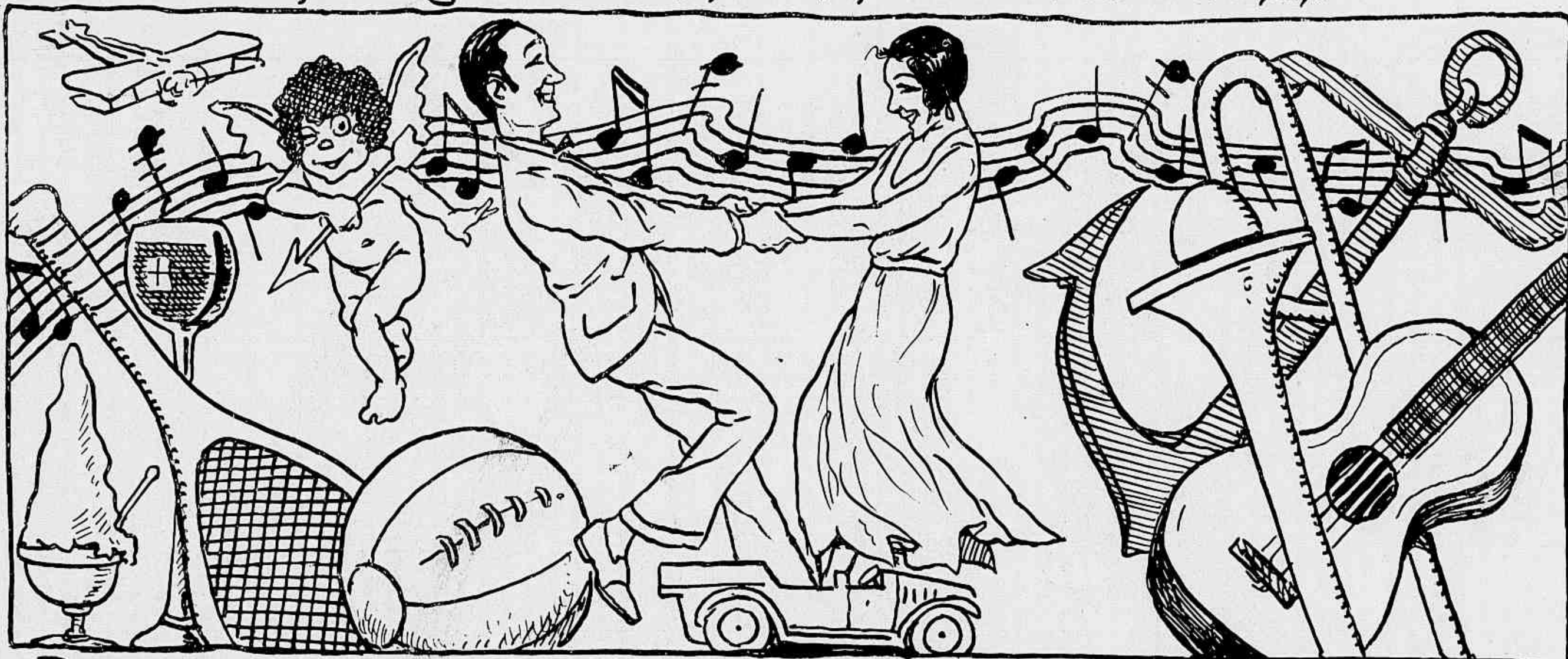
O NOVO MINISTRO DA MARINHA

A posse do novo ministro da Marinha, almirante Conrado Heck, que se vê assignalado. A' sua direita, o almirante Isaias de Noronha, figura das mais prestigiosas da Marinha, que deixou o Ministerio.

Um almoço de confraternização militar

Grupo de officiaes do 3º Regimento de Infantaria após o almoço que lhe foi offerecido pelos ex-alumnos da Escola Militar em 1922, recentemente nomeados 1.ºs tenentes e agora servindo nessa unidade. Vê-se ao centro, no primeiro plano, o respectivo commandante coronel Daltro Filho.

O ex-presidente de Minas, sr. Antonio Carlos, ao sahir do Theatro Lyrico, após o grandioso espectaculo realizado em sua homenagem. A' direita de s. ex., o sr. Francisco de Campos, ministro da Educação.

A *soirée* dansante inaugural do Sul America Terrestres, Maritimos e Accidentes Sport Club, realizada no Club Nacional.

O anno novo

Para as creanças: a gondola dos sonhos sobre um mar de rosas.

Para os jovens: a fanfarra da alegria e o estribilho da esperança.

Para os velhos: o consôlo da saudade dos tempos idos e vividos...

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

A variedade das bluzas é infinita. Umas vezes são mettidas dentro das saias, outras drapées em cima. Umas vezes são collocadas muito esticadas, outras bluzando. As mangas partem muitas vezes da golla, tomando o feitio raglan. A bluza branca é a mais usada, mas as de tons claros—azul, rosa e amarello claro—são igualmente usadas com os tailleurs azul marinha e preto.

Para guarnecer empregam-se muito peq enas plumas alegremente coloridas, que substituem o laço que termina a fita que rodeia a copa. O azul turqueza sob a forma de broche, bandeau ou pluma põe um lindo contraste sobre os chapéus pretos ou marrons. Foram vistos muitos nas ultimas collecções com essa interessante combin ção.

Os vestidos para a rua descem até trinta centimetros do solo.

E' pelo menos o comprimento marcado; mas a mania do exagero depressa fará com que os vestidos longos tambem sejam usados na rua, o que é um contrasenso.

O marron, em todos os seus numerosos tons, gosa d'um merecido successo. Mas d zem que o verde Imperio assim como todas os matizes do tom verde breve substituirão o marron. Com o rosa muito claro e o vermelho são feitas as guarnições das toilettes pretas.

Os babados continuam a ser muito empregados: dão graça á silhueta quando terminam as saias longas. São collocados simplesmente, ou em espiral, lisos, franzidos ou *en-forme*. N'um v stido de crepe Georgette branco, modelo apresentado por uma grande casa de moda de Paris, um unico babado guarnecido com diversas ordens de franzido era a guarnição dessa toilette de cintura muito curta.

A renda tambem encontra sempre lugar nas collecções. E' usado tanto em preto como em côr. A renda bordada e palhetada, como a renda guarnecida com fios de metal, é empregada nos boleros, babados, godets. Os forros de tom differente estão muito em moda, podendo assim variar-se o aspecto dos vestidos de renda.

Vestido de crêpe-setim preto. Os *panneaux en-form:* da saia terminam em bico sobre o cinto de nervures.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de linho rosa claro, guarnecido com pregas. *Plastron* e *bouffants* das mangas de *linon* branco. 2 — Vestido de crêpe da China azul marinha, *panneaux* da saia com pregas duplas, golla, jabot e punhos de *lingerie*, guarnecidos com pontos abertos e babadinhos plissados. 3 — Vestido de linho verde claro, pregas pespontadas n'um dos lados do vestido. 4 — *Toilette* de crêpe da China marron com pintas brancas, golla e punhos de renda.

Conselhos sociaes

SONHO E REALIDADE

Em geral as jovens fazem do casamento uma ideia que, para ser realizavel, exigiria dellas que fossem perfeitas como imaginam ser e que seus esposos tivessem todas as qualidades que exige o papel que sonham vel-os representarem.

No emtanto quando se casam não procuram verificar se um e outro têm tudo que é necessario para se aproximar do ideal que sua natureza romanesca entretida pela leitura dos romances fez conceber.

Mas, como a vida tem uma tendencia a fazer-nos passar muito depressa da poesia para a prosa, chega rapidamente o momento em que se constata com amargura que a vida é muito differente da idealizada.

D'ahi essas decepções insupportaveis que fazem que, pouco tempo depois do casamento, dois entes que pareciam adorar-se estejam já desunidos.

Haveria ainda um meio de endireitar as coisas: seria verificar quaes as razões da discordia e procurar com lealdade fazerem concessões mutuas.

Essa revisão do sonho, depois d'alguns annos ou apenas alguns mezes de experiencia conj gal, essa reconstituição, sobre bases mais reaes, mais solidas, mais modestas tambem, do plano de nossa vida commum, não as fazem nunca. Somos muito orgulhosas para confessar nossa derrota, muito ambiciosas para renunciar ao impossivel, e é assim que se vae depressa para as peiores soluções.

Raramente a existencia é como a idealizamos. Em tudo que emprehendemos ha sempre uma parte de illusões e de sonho. Procuramos sempre ver só o lado brilhante, o lado agradavel, nunca a outra face, aquella que é prosaica, arida e tantas vezes feia.

VESTIDOS PARA A NOITE

1 — Vestido de setim preto, saia com *godets* terminados em pontas, golla-capa de renda preta. 2 — *Toilette* de velludo-mousseline verde claro; nos hombros e nos babados da saia franzido ninho de marimbondo. 3 — Vestido de crêpe *georgette* azul turqueza, guarnecido com pregas pespontadas até uma certa altura. Rosa côr de rosa na golla. 4 — *Toiltete* de tafetá preto, saia com pala cruzada, golla-capa de renda preta. 5 — Vestido de crêpe-setim *gris-perle*, bolero com golla terminando por um laço; alto babado en-forme e franzido na saia.

Chega sempre o momento, em todas as cousas, em que a realidade e o sonho entram em conflicto se não se tomou a precaução, de antemão, de estudar, de procurar por todos os meios saber adaptar-se ao que é preciso para que a sua empreza não desmorone como um castello de cartas.

Vence-se a vida não com o coração mas sim com a razão. E' preciso antes de tudo ser sensata e não exigir senão o que a vida nos póde dar: a realidade e não o sonho.

Boas resoluções

Todos já observaram que as mais bellas qualidades moraes pódem ficar estragadas por pequenos defeitos e que, na vida d'um casal, esses pequenos defeitos podem muitas vezes provocar a irritação e pouco a pouco ir trazendo a desunião. Quando se trata de conservar a felicidade, nada deve ser descuidado, mesmo entre as coisas mais pequeninas.

Não acham, por exemplo, que é bem desastrada a conducta das pessôas que com obstinação se lembram das faltas que dizem já ter perdoado? Do momento que o perdão foi concedido, é uma falta de tacto invocar o passado, mesmo sem censura. O esquecimento não póde ser forçado, naturalmente. Mas pelo menos deve-se dar a apparencia de ter esquecido. Agir de outra maneira é annullar o valor do perdão, é sobretudo correr o risco de irritar aquelle que estava sinceramente arrependido e se esforçava em corrigir-se.

Tanto é salutar mostrar-se energico em certos casos e exigir promessas para o futuro, tanto é perigoso, em seguida, tornar a lembrar as recordações penosas.

Uma outra forma da falta de tacto é mais frequente ainda: consiste em triumphar quando uma pessôa tem uma contrariedade que, se nossos conselhos tivessem sido seguidos, lhe teria sido poupada. Para que dizer então: "Bem lhe tinha dito" e ter o aspecto de quem está regosijando-se? E' uma crueldade inutil, pois que os acontecimentos encarregam-se de nos dar razão.

Pelo contrario, nada dizendo, não chamando a attenção para o facto, deixando á pessôa lesada o cuidado de verificar por si que errou por sua culpa, é de esperar que uma outra vez recorra ou attenda aos conselhos daquellas que têm mais experiencia da vida. Mas, quando parecemos triumphar, indispõe-se, irrita-se e humilha-se, e a humilhação é uma coisa que difficilmente se perdôa. Qualquer que tenha sido o bom senso que se provou, não recorrerá mais a nós. Teremos obtido assim o resultado exactamente opposto ao que desejavamos, quer dizer — ajudar, soccorrer.

Uma simples falta de tacto, uma pequena vaidade bastam para estragar uma bôa vontade real.

E' uma bôa época esta da entrada do Novo-Anno para tomar-se bôas resoluções. Que todos se esforcem por contribuir para a paz do lar, uns domando seu genio, outro tendo mais paciencia, outro deixando de ser ironico, emfim cada um procurando corrigir-se dos seus pequenos defeitos para a felicidade de todos.

A ilha de neve e de lava

Sabem qual é o lugar no vasto mundo onde não ha analphabetos, onde a menor aldeia tem sua bibliotheca, onde o pastor guarda seu rebanho estudando?

Não procurem, porque não adivinharão. Esse "oasis" da cultura encontra-se perdido ao norte do Oceano Atlantico, muito perto do circulo polar. E' a Terra dos Gelos. E' a Islandia.

Festejaram ha pouco tempo o millenario do primeiro parlamento de Allthing: portanto foi a Islandia, a primeira das nações accessivel ás ideias democraticas.

No emtanto é um paiz agreste: os Islandezes são postos, por uma natureza inhospitaleira, n'uma rude escola. São, durante alguns mezes do anno, isolados do mundo.

Islandia significa terra de gelo. Mas a ilha mereceria tambem ser chamada "terra de lavas". E' um verdadeiro cáos vulcanico: contam-se trezentos vulcões, setecentas crateras — que felizmente não estão todas em actividade. O principal desses vulcões é o Hekla, com suas quatorze crateras e cujo penacho de fogo, a centenas de milhas, serve de pharol aos navios de pesca. Todo o solo da ilha é vulcanico, encontrando-se com abundancia o enxofre. Encontra-se tambem, ao longo de certos riachos, um corpo raro, crystal transparente: o spath da Islandia, que tem curiosa propriedade de refractar duas vezes o mesmo objecto. Collocando um

Vista geral do porto de Reykiavik, capital da Islandia.

crystal de spath de Islandia sobre um traço, vê-se, parallelos, dois traços. Esse corpo tem muita utilidade na physica.

Devido a essa constituição vulcanica, a Islandia é uma terra de montanhas e de planaltos. Uma setima parte do paiz tem grande altitude, abundando alli a neve — a neve e não o gelo. Em alguns picos a neve é preta devido á chuva de cinzas que a cobre sem conguir derretel-a.

Uma das particularidades da Islandia, que tem mesmo alli sua origem, é o geyser. Um geyser é uma fonte de agua quente que brota do solo sahindo com intervallos regulares. Alguns geysers brotam todos as duas horas, outros todas as semanas; esses repuxos d'agua attingem ás vezes quinze metros de altura.

Na Islandia não ha mesmo rios. E' regada por centenas de cascatas que descem das montanhas quando derretem as neves. O clima da Islandia é rude, mas muito menos no emtanto que se poderia receiar, senão tão perto do polo. Com effeito, suas costas são banhadas por correntes marinhas subindo dos tropicos e que lhe levam até arvores. Essas correntes passam ao norte da Ilha, tanto assim que o clima apresenta o paradoxo, sobre aquelle hemispherio, de ser muito mais frio ao Sul que ao Norte. Mas o que torna a vida muito penosa na Islandia são os nevoeiros e as tempestades. Tempestades tão formidaveis que, praticamente, não ha florestas na Islandia e as madeiras provêm da exportação ou dos destroços dos navios, infelizmente abundantes!

Os dois recursos da população são a criação dos carneiros e a pesca. A pesca sobretudo. O peixe abunda nos seus mares e os Islandezes têm fama de ser os melhores marinheiros do mundo. Têm de quem herdar. Não descendem elles d'uma das mais altivas raças do mundo, os Norueguezes? Conservaram, muito puro, o typo ethnico.

Acredita-se que a Islandia foi a antiga Thulé. Dos seus primeiros habitantes não se sabe nada de certo. As sagas (lendas populares) contam sómente que, em 874, o dinamarquez Gadar levou para alli uma pequena colonia que, como elle, fugia do catholicismo.

Mas no anno mil os Islandezes começaram a converter-se ao christianismo apezar de conservarem ainda a lembrança dos velhos deuses scandinavos. A partir dessa data a Islandia democratica e independente progrediu sempre até ao seculo XIII. Infelizmente, em 1262 ficou sob a suzerania do rei da Noruega, o que fez, apezar de involuntariamente, que cahissem sobre a colonia todas as desgraças: miseria, peste, doenças nos carneiros.

Emfim, em 1874 a Islandia conquistou uma meia independencia. Em 1918, tornou-se completamente independente. O rei da Dinamarca poz sobre sua cabeça a corôa da Islandia e a da Dinamarca, com dois governos distinctos. Mas a sua autoridade é apenas nominal.

As propriedades islandezas são muito isoladas, e a unica cidade, se cidade se póde chamar, é o porto de Reykjavik reunindo 4.000 almas. Como já dissemos, a cultura geral é muito desenvolvida na Islandia. Não ha propriedade, por mais isolada que seja, que não abrigue um centro de cultura. Os trabalhos das sociedades scientificas da Islandia são apreciados no mundo.

Primeiro paiz democratico, a Islandia é tambem o paiz menos guerreiro do mundo. A sua frota comprehende dois pequenos navios que vigiam os bancos de pesca. E sua milicia compõe-se de tres soldados.

As grandes festas realizadas ultimamente por occasião do millenario do Parlamento islandez tiveram lugar no ponto mesmo onde essa primeira assembléa popular se reunia na planicie de Thingvalla, perto da capital. Essa planicie é um titanico cáos vulcanico, no meio do qual se ergue uma enorme meza de lava isolada de todos os lados por grotas, havendo apenas uma estreita passagem. Alli se reuniram os eleitos do povo, ao abrigo de qualquer insurreição. Sobre o promontorio da meza de lava, o Logberg, collocavam-se os oradores e os juizes, porque o Parlamento era, ao mesmo tempo, um tribunal. Os feiticeiros e outros criminosos eram executados alli mesmo. Eram precipitados do alto do Logberg.

Os pescadores islandezes não receiam affrontar os perigos do degelo, no mar.

SAIAS E BLUZAS

1 — Bluza de crepe setim rosa claro, saia de crepe *marocain* preto, guarnecida com applicações formando pregas. 2 — Collete de fustão branco com botões de crystal branco. 3 — Bluza sem mangas de crepe da China verde claro, com *jabots* plissados e botões de fantasia. 4 — Bluza de crepe da China *beige* claro, guarnecida com applicações pespontadas e golla-gravata. Saia de crepe da China *marron*. 5 — Bluza de crepe da China de fantasia, fundo branco com desenhos vermelho claro e escuro; pala *jabot* e punhos de crepe branco enfeitados com bicos do crepe da China vermelho da saia. 6 — Saia de *tweed* tendo uma tira na frente mantendo as pregas duplas, botões de fantasia. 7 — Saia de crepe *marocain* azul marinha, guarnecida com bolsos e babado pregueado.

De todas as flores, a flor humana é a que mais tem necessidade do sol.

MICHELET

Vestido de crêpe da China *marron*; saia cortada *en-forme*. Viez e gravata de crêpe *beige* claro.

Toilette de crêpe marocain preto, saia com *panneaux en-forme* e colete de fustão branco.

O primeiro dia do do anno

O dia primeiro de Janeiro não foi sempre o primeiro dia do anno.

A honra de presidir á inauguração do anno novo, de ser o "dia de Anno-Bom" tão querido de todos (quem não tem esperança nesse dia?) foi detido successivamente por datas muito diversas.

A natureza não nos fornece nenhuma indicação propria para fixar o primeiro dia do anno e não ha motivo scientifico para escolher o inicio da primavera, o declinio do outomno, o solsticio do inverno ou o do verão, porque estas estações reinam alternativamente sobre o globo terrestre: estamos em pleno verão quando na Europa tremem de frio.

Na Velha Europa, a data do "primeiro do anno" variou muito.

Durante a Edade-Média os christãos do Occidente, por exemplo, começavam o anno de diversas maneiras: o primeiro de Março; o primeiro de Janeiro; o 25 de Dezembro; o 25 de Março; avançando sobre a numeração do nosso calendario actual de nove mezes e sete dias; emfim, no dia de Páscoa.

Era o anniversario do Nascimento, da Annunciação ou da Resurreição do Christo que commemoravam essas ultimas tres datas.

Na maior parte das cidades da Eolia e da Espanha, o começo do anno estava fixado no dia de Natal.

Em França, o anno começava no dia primeiro de Março sob os Merovingios; no dia 25 de Dezembro sob os Carlovingios; e na Páscoa sob os Capetos, até ao seculo XVI.

Mas não houve no emtanto nenhuma regra absoluta, nenhum uso constante e uniforme, cada principe agindo á sua vontade. No emtanto, em Paris havia o costume de fazer começar o anno no Sabbado de Alleluia, depois da benção do cirio pascal.

Em 1564, um edital de Carlos IV lavrado no castello de Roussilon, no Delphiné, ordenava que de futuro todos os actos publicos e privados seriam datados começando o anno do dia primeiro de Janeiro.

A principio a reforma provocou grande opposição. O parlamento de Paris recusou acceital-a até 1567, o que fez o anno de 1566 ter apenas oito mezes e dezesete dias, do dia 14 de Abril, dia de Páscoa, até ao dia 31 de Dezembro.

Por odio ás mulheres

Um norte-americano chamado Zink, que foi advogado em vida, era um homem que passou sua existencia odiando as mulheres.

E provou que mesmo depois de morto continuava a odial-as.

Morreu aos 63 annos, tendo antes feito um testamento deixando toda a sua fortuna para a construcção d'um estabelecimento onde nunca se ouviria os passos d'uma mulher. Uma bibliotheca que teria gravado sobre a sua porta: "As mulheres não entram aqui".

Tal é o curioso testamento que foi aberto ha pouco tempo na presença da familia do sr. Zink; deixa elle quasi dois milhões a um banco, avaliando que essa somma poderá subir a perto de 80 milhões em setenta annos, chegando então a occasião de edificar a tal bibliotheca sem mulheres, que perpetuará o seu nome e o seu odio.

Os livros escriptos por homens serão os unicos admittidos sobre suas prateleiras e deverão ser cortados das revistas todos os artigos assignados por mulheres.

Exige tambem que nada que possa parecer o resultado d'uma influencia feminina seja empregado na decoração do edificio.

No testamento, diz o sr. Zink que seu odio ás mulheres provém da sua propria experiencia assim como do estudo da philosophia.

D'aqui a setenta e cinco annos, as mulheres que desejarem ir ler na bibliotheca do sr. Zink pagarão pelas que fizeram o sr. Zink odiar o bello sexo.

CURIOSIDADES DA NATUREZA

Ponte natural

Escravizando a Natureza, os homens arriscam-se a tirar-lhe todo o seu encanto. Os vastos horizontes norte-americanos, tão majestosos no tempo dos primeiros pioneiros, estão agora uniformizados, *standardizados* pela grande industria e a cultura intensiva.

Os animaes selvagens foram destruidos. As bellas arvores abatidas.

Em toda parte reina a uniformidade, mãe do aborrecimento, disse o poeta.

Os norte-americanos comprehenderam o perigo. Constituiram os *parks*, pontos onde a Natureza é respeitada, onde as bellezas naturaes são cuidadosamente conservadas e protegidas.

No Estado de Utah existe o Zion Nacional Park que tem, entre outras curiosidades, essa ponte natural de quarenta metros de comprimento e dez de altura, formada por um unico monolitho pousado em equilibrio sobre uma grota.

Os geologos perdem-se em conjecturas sobre suas origens. Alguns acreditam encontrar-se diante do trabalho millenar de erosão da chuva. Outros, pelo contrario, acham que esse bloco foi arrancado, depois collocado nessa curiosa posição no decorrer d'um tremor de terra.

1 — Vestido de *voile* de fantasia; saia com babado *en-forme*, movimento de bolero; gravata e cinto de fita.
2 — Vestido de *shantung* de fantasia, quatro *godets* incrustam-se no babado da saia, golla-gravata e cinto de *shantung* do tom do desenho do tecido.

No reino da fraude

AS PEROLAS

Muitas polemicas tem provocado o problema das perolas japonezas.

Porque é preciso ser bom conhecedor para saber se as perolas foram pescadas no Golpho Persico ou se provêm da engenhosa fabricação á qual preside, no mundo inteiro, a firma K. Mikomoto.

A perola verdadeira ou natural (genuine pearl) é o producto espontaneo da ostra Pintadine ou Mellagrina Margaritifera. Isto é uma coisa certa. Um dogma que plana acima de todas as discussões. E' mesmo a unica coisa certa.

Quanto á perola de cultura, ou perola japoneza, ou perola artificial (todas essas expressões se equivalem, mas ha uma que é injusto empregar-se, a de perola falsa como é designada algumas vezes) é obtida da seguinte maneira.

Nos tecidos sub-epidermicos da Pintadine, ha um sacco chato formado de epithelium segregador de madreperola.

D'uma ostra — que é sacrificada — os Japonezes tiram uma parcella de epithelium e, nesse pedaço, inserem uma esphera, em geral de madreperola.

O pequeno sacco — bem ligado — é introduzido, por uma verdadeira operação cirurgica, nos tecidos sub-epidermicos d'uma outra ostra—Mellagrina—e posta esta no mar, onde recebe uma alimentação especial e cuidados adequados. E' retirada annos depois, contendo uma grande perola.

Que grande differença separam essas duas especies de perolas?

Não sómente na segunda a natureza foi forçada, pela intervenção da mão do homem, como ainda tem no centro a conta introduzida. E' sobre o volume e sobre a existencia dessa conta que está a enorme differença do preço que inda agora distingue as perolas naturaes das perolas fabricadas.

Mas as descobertas d'um sábio, o sr. Boutan, professor na Faculdade das Sciencias de Argel, que publicou sobre essa questão um trabalho importante, não deixam a menor duvida: as perolas cultivadas não são as unicas a ter um caroço! As perolas naturaes, muitas vezes, tambem o têm!

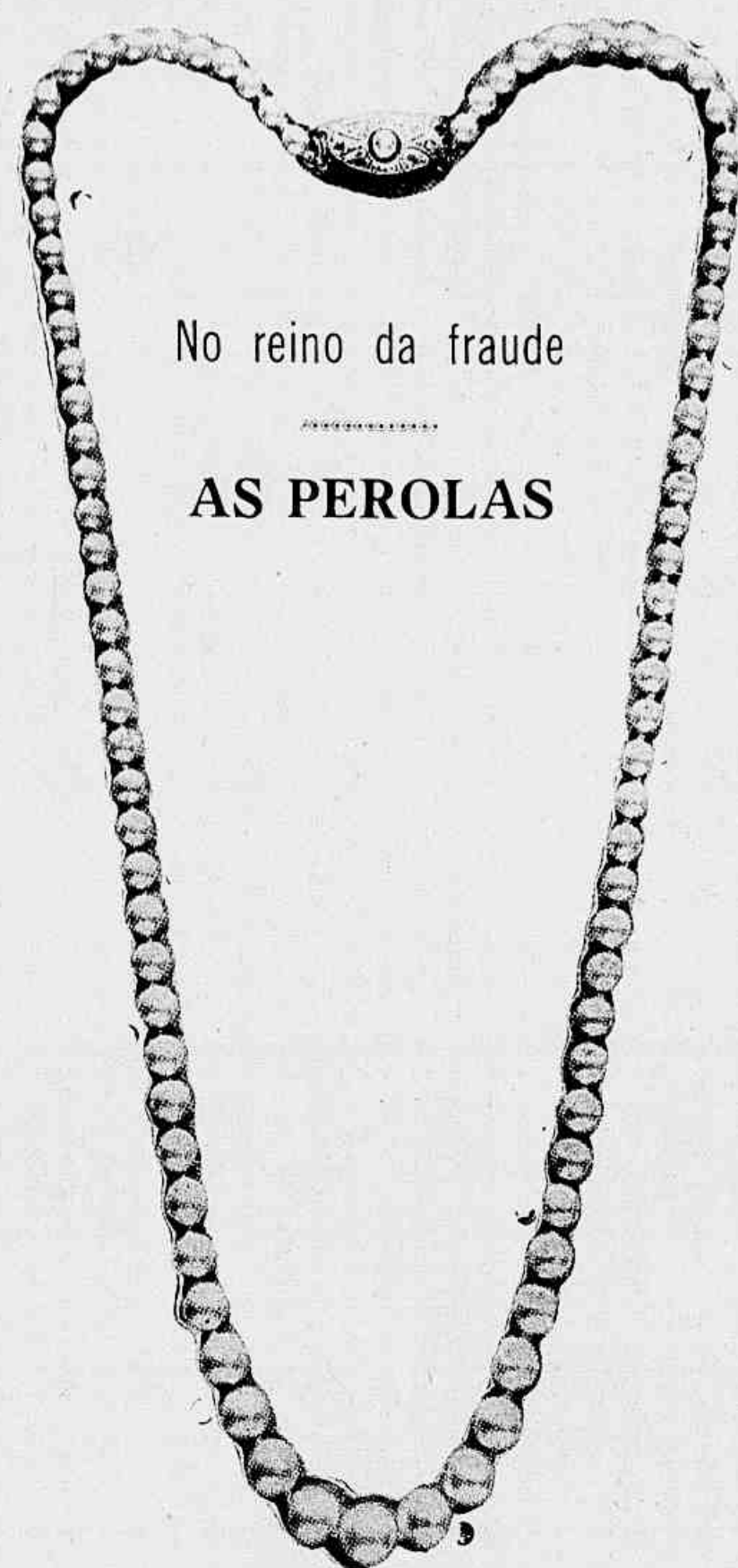
O tamanho desse caroço é microscopico em muitas dellas, ao passo que em outras é um pouco maior.

Isso tem sido a base das discussões.

❋

Perante a Sociedade dos Peritos Chimicos de França, em presença do sr. Roux, director da repressão das fraudes, e do sr. Hugues Citroen, presidente da Camara Syndical dos Negociantes de Perolas e de Pedras Preciosas, teve lugar a seguinte discussão:

"Porque recusar — disse o sr. André — o nome de perolas verdadeiras ás perolas de cultura obtidas com a introducção dentro da ostra d'um corpo microscopico? Não comprehendo por que razão dizem que essa perola não é uma perola verdadeira só pela razão de ter ella sido artificialmente provocada!..."

A isso respondeu o sr. Hugues Citroen:

"As perolas de cultura, ás quaes recusamos o direito de serem chamadas perolas verdadeiras são unicamente aquellas cujo caroço nos parece muito volumoso. Para que uma perola cultivada tenha valor é preciso que a conta introduzida seja microscopica; para formar a perola são necessarios muitos annos, não sendo por isso um negocio vantajoso. Por tal razão, para ganharem tempo, introduzem na ostra uma conta de tamanho regular e retiram-n'a logo que a camada que a cobre attinge tres decimos de millimetro...

Essas perolas não pódem ter o valor das perolas espontaneas.

E o sr. Citroen declarou que, actualmente, no mercado, não se encontra nenhuma perola de cultura com caroço microscopico.

Por essa razão é difficil a compra d'um collar de perolas, como de qualquer joia tendo perolas. São necessarios diversos apparelhos e de difficil manejo para verificar se a perola é verdadeira ou de cultura. Em França os ourives são obrigados a dar um certificado garantindo que as perolas são verdadeiras.

Vestido de *voile* de fantasia, saia en-forme e bolero.

Toilette de setim preto. Dois babados en-forme dão roda á saia. Na cintura nervures formam o *drapé*. Pala de crêpe rosa *georgette* palido.

A PRINCEZA CARLOTA DE MONACO

Ha pouco mais ou menos onze annos que a princeza Carlota viu pela primeira vez o principe Pierre de Polignac: como se deu com a Julieta e o Romeu de Shakespeare, foi bastante verem-se para se amar.

O principe tinha ido a Monte Carlo para tentar fortuna na roleta do Casino, e ganhou não sómente os milhões mas ao mesmo tempo o coração da encantadora princeza.

As festas do casamento foram esplendidas: flores, musica, dansas, festejos populares, nada foi poupado para dar á ceremonia o brilho a que a jovem esposa tinha direito. Nem mesmo os tiros de canhão foram esquecidos, com os quaes os soberanos e grandes dignatarios do Estado têm o habito de fazer saber ao povo os diversos acontecimentos da sua vida.

Carlota de Monaco.

A' noite, um magnifico fogo de artificio illuminou a cidade com as suas luzes fantasticas.

A população da cidade ainda conserva a recordação dessa data memoravel, que está marcada nos annaes do pequeno principado.

Foi no dia 19 de Março de 1920, dia de S. José

Dois lustros já passaram depois da hora em que a jovem noiva sahia triumphalmente da cathedral pelo braço do principe de Polignac, emquanto que, contido pelos guardas, o povo comprimido junto á passagem do cortejo, cumprimentava o casal com freneticas acclamações.

No mez de Dezembro daquelle mesmo anno, o canhão troou novamente para annunciar o nascimento da princeza herdeira Antonieta.

Tres annos mais tarde vinha ao mundo o principe Rainier. Essas duas creanças têm agora dez e seis annos.

Mas esses pequenos entes que, entre os grandes como entre os humildes, trazem geralmente com elles a concordia e a felicidade do lar — os filhos!... — parecem não ter ajudado a apertar os laços que cada dia affrouxavam mais entre os esposos. Depois do primeiro anno passado em Paris com pequenas estadias passadas no castello ancestral dos Grimaldi, o principe Pedro e sua esposa installaram-se definitivamente em Monaco.

Uma vez alli, não tardaram a ver que, se um violento capricho os tinho durante algum tempo illudido sobre os seus verdadeiros sentimentos, tudo nos seus caracteres se encontrava em constante contradição. O nascimento do segundo filho e, talvez mais ainda, a razão de Estado ajudaram-lhes a conservarem ante os olhos do publico o decorum *que não deveria nunca abandonar os principes, mas seus corações estavam separados para sempre, chegando ao ponto de odiarem-se e tendo afinal chegado o dia em que nem um nem outro tiveram mais a coragem de fingir.*

O principe Pedro contava com algumas sympathias em Monte Carlo, mas a princeza Carlota tinha a grande maioria de suffragios: era ella que tinham visto crescer e brincar sobre os joelhos do velho avô, obstinavam-se em consideral-a como a unica digna de occupar o throno. D'ahi mil intrigas, mil difficuldades, das quaes pouca gente teve conhecimento nos outros paizes. Na occasião do casamento do principe real da Italia, a situação havia se tornado tão tensa que, antes que ter de ficar ao lado do esposo nas diversas ceremonias que iam ter lugar em Roma, a princeza preferiu ficar no seu paiz. O mesmo aconteceu no dia dos annos da sua filha Antonieta. Se tivesse accedido em assistir á missa solemne mandada dizer em homenagem a sua filha, teria que se collocar ao lado do marido: recusou sahir do palacio e e á noite tambem não appareceu na festa popular, contentou-se em ver do alto do terraço dos seus apartamentos particulares os fogos de artificio.

No mez de Fevereiro o drama bruscamente explodiu.

A princeza, pondo sua dignidade de esposa acima do seu amor materno, deixou o principado e refugiou-se na Italia, onde já ha dois annos tinha feito, só, frequentes estadias querendo pôr a fronteira entre ella e o esposo que se lhe tornára odioso.

Tinha declarado na occasião da sua partida que não voltaria ao castello senão no dia em que o principe Pedro o tivesse abandonado. Nada poude fazer-lhe mudar de ideia.

O principe tambem por sua vez, allegando a renuncia que tinha feito do seu nome e da sua nacionalidade casando-se com a princeza, garantia que, tendo acceito o titulo dos Grimaldi, continuaria a ser o senhor. D'ahi, o conflicto.

Para provar a sua autoridade, o principe levou seus filhos para Nice, confiando-os á bôa duqueza de Vendôme. Tinha jurado que conservaria a tutoria dos filhos.

Felizmente decidiu-se afinal a abandonar a praça, mas não os seus direitos paternos.

A princeza voltou para seu palacio.

E' um triste epilogo do romance de amor que desabrochou n'uma bella manhã primaveril.

Moda Infantil

1 — Vestido de linho de xadrez, fundo branco com xadrez azul marinha; golla e punhos de fustão branco festonado com linha azul marinha. 2 — Calcinha de setim preto, bluza de crepe da China rosa claro, golla e punhos pregueados e com rendinha. 3 — Vestido de linho vermelho, guarnecido com *debrum* de linho branco. Gravata de fantasia. 4 — Avental de cretonne, fundo branco com flores amarellas e côr de laranja um *viez* de linho amarello rodeia todo o avental. 5 — Roupinha de velludo *marron*, bluza de crepe da China branco. 7 — Vestido de *voile* branco com pintas vermelhas; golla, punhos e barra de *voile* vermelho.

Pensamentos

A virtude é uma conquista da vontade sobre a natureza.

O coração tem razões que a razão não conhece.

O thesouro dos Romanoff

Os potentados da Asia, os grandes sacerdotes da India guardam ciumentamente fabulosos thesouros. Ha muitos seculos que accumulam riquezas, que não são nunca dispersadas. Naturalmente deve-se descontar a parte da imaginação oriental; mas garantem que subterraneos dos palacios e dos sanctuarios guardam vasos transbordantes de pedrarias, diamantes aos punhados, e bastante ouro em barra para carregar caravanas inteiras. E esses thesouros, melhor guardados que pelas trancas, fechaduras e labyrintos, o são pelo supersticioso terror que inspiram.

No emtanto, ha alguns annos, um desses thesouros foi violado, devido a uma revolução. O sub-solo d'uma cidade-santa foi sondado, subterraneos foram abertos, portas blindadas forçadas com a dynamite. Emfim, á luz das tochas, as riquezas appareceram.

Por mais prevenidos que estivessem os saqueadores, ficaram deslumbrados com o esplendor do thesouro desvendado. Passava de muito as suas esperanças.

Foi assim que, em Março de 1922, os commissarios dos Soviets nacionalizaram as pedrarias e joias do tzar que estavam guardadas nos aposentos secretos do subterraneo do Kremlin, em Moscou. O inventario completo desse thesouro, d'um valor incalculavel, acaba de ser officialmente publicado. Prova que a Russia imperial possuia uma collecção de pedras preciosas dignas d'um maharajah.

E' difficil, naturalmente, calcular o seu valor real. Porque as pedras d'um tamanho anormal encontram difficilmente compradores, sobretudo actualmente.

As pedras preciosas foram divididas em tres lotes. O primeiro formado pelas mais bellas peças. O segundo composto das joias historicas. O terceiro reunindo pedras e joias facilmente vendaveis.

No primeiro lote são especialmente notadas:

1.º — Uma esmeralda que, pelo seu colorido, peso e brilho, é uma peça unica. Esta pedra foi provavelmente encontrada na época da descoberta da America. Em todo o caso, guarneceu um dos templos sagrados da Colombia e d'ahi foi transportada para a India.

Mas não se sabe em que condições veio enriquecer a collecção da corôa da Russia;

2.º — Uma saphira de Ceylão, d'um azul lindissimo, pesando 260 quilates;

3.º — Uma chrysolitha, de tom amarello esverdeado, mas tão transparente como o crystal;

4.º — Um rubi espinela, cujo peso é de 400 quilates e que foi comprado em 1676 pelo ministro da Russia em Pekim.

5.º — Um brilhante lapidado que, pela sua agua e pelo seu tamanho, é extraordinario. Esta pedra está encastoada n'uma pulseira de estylo gothico; mas ignora-se a sua historia;

6.º — O brilhante do khan Burkan Nizan, que foi furtado em 1651 pelo gran-mogol Jehan. Este brilhante fez seu apparecimento pela primeira vez na côrte da Russia em 1829.

7.º — O brilhante Orloff, roubado na India, por um soldado de Lally-Tollendal. Pesava então 300 quilates, Mas, tendo sido lapidado diversas vezes, o seu peso é agora de 200 quilates.

O Orloff tem uma lenda tragica. E' uma pedra que traz a desgraça para seus detentores. Morrem todos em circunstancias tragicas.

Segundo contam, o Orloff brilhava no meio da testa d'um idolo de pedra no templo subterraneo de Sheringham. Na occasião da conquista da India pelos Francezes, um militar, graças á cumplicidade d'uma dansarina do templo, fur-

Vestido de crêpe Georgette azul claro, saia com babado en-forme, figaro de renda *ocrée*.

Toilette de baile de setim branco, genero princeza. Grande écharpe de gaze.

:: :: :: ALGUMAS BLUSAS :: :: ::

1 — Blusa *chemisier* de crêpe da China branco, *plastron* guarnecido com pontos abertos. 2 — Blusa de crêpe *georgette* beige claro, enfeitada com pregas e com jabot formado por um babado plissado. 3 — Blusa de crêpe da China azul marinha com pintas brancas, golla, punhos e jabot de *linon* bordado com bolas e *festonnés* com linha azul marinha.

❀

Por maior que seja esse amontoamento de pedras preciosas, não representa no entanto todo o thesouro dos Romanoff. Uma grande parte delle está irrevogavelmente perdido. Todo o mundo conhece, pelo menos nas suas grandes linhas, o horrivel fim do tzar Nicolau II e da sua familia. Depois de terem sido feitos prisioneiros pelo governo revolucionario, os ultimos Romanoff foram levados, sob escolta, a Tobolsk, depois seguiram para a Siberia, para Ekaterinenburgo. Ali foram assassinados na noite de 15 para 16 de julho de 1918, e seus corpos apressadamente queimados, n'uma pedreira abandonada, na noite seguinte.

Durante os ephemeros successos do almirante Kolchack na Siberia, encarregou o tribunal de Omsk de mandar fazer inquerito sobre esse massacre. Foi nomeado o juiz Nicoláu Sokoloff para esse fim. Esse inquerito foi feito conscienciosamente: Sokoloff reconstituiu, segundo por segundo, os ultimos minutos das victimas. Encontrou as cinzas dos corpos, no logar chamado os "Quatro-irmãos". A incineração tinha sido incompleta: pedaços de metal, vidros de lunetas, dentaduras permittiram identificar os cadaveres. Mas sobretudo Sokoloff estabeleceu, d'uma maneira infallivel, que eram aquelles os restos da tzarina e das gran-duquezas porque fragmentos de pedras preciosas, de perolas estavam adheridos ás cinzas. O que se teria passado? Citemos textualmente o que escreveu Sokoloff:

"Quando Suas Majestades chegaram a Ekaterinenburgo, foram immediatamente submettidas a grosseiras pesquisições. A tzarina escreveu então ás filhas que, de combinação com Tatiana chef e Gilliard, tomassem todas as providencias para salvarem as joias, quando deixassem Tobolsk para Ekaterinenburgo. Ficou então decidido que coseriam as joias nas suas roupas."

Depoimento de Tegleva: "As joias foram mettidas dentro de pastas de algodão e depois escondidas entre duas camisolas que em seguida eram cosidas uma na outra. No primeiro par de camisolas, que vestiu Tatiana, assim como no segundo, vestido por Anastacia, puzeram as joias da imperatriz, compostas sobretudo de brilhantes, esmeraldas e amethystas. As joias das granduquezas foram mettidas dentro das camisolas vestidas pela Olga. Por baixo dessas camisolas puzeram ellas ainda muitos collares de perolas.

"Foram tambem cosidas muitas joias dentro dos seus chapéus, entre o forro e o velludo. Entre essas havia um collar de immensas perolas e um broche com uma grande saphira rodeiada de brilhantes.

"As granduquezas estavam vestidas com tailleurs de lã. Foram tirados todos os botões, que foram substituidos por pedras preciosas arrancadas das joias, estas envolvidas em algodão e cobertas com seda preta. Os jerseys que as princezas tinham vestido, de lã cinzenta listada de preto, tambem foram guarnecidos com botões feitos da mesma maneira".

Os corpos foram queimados durante a noite, apressadamente, por homens selvagens, desconhecendo provavelmente a identidade dos cadaveres. Não tiveram a idéa de examinar as roupas, ou o fizeram depressa de mais, tendo assim sido perdidas joias valendo alguns milhões.

❀

Mas o que se pode garantir sem receio é que o povo não gosará dessas immensas riquezas accumuladas no subterraneo do Kremlin: os governantes, que trazem o povo debaixo d'um governo muito mais despotico que o dos antigos soberanos, disporão dellas ao seu bello prazer sem lhe dar a menor satisfação. Apezar do governo communista trazer o enganador rotulo de governo do povo.

Nossa alimentação

CUIDADOS QUE DEVEMOS TOMAR

O radio previne-nos que o terrivel typho fez seu apparecimento: é preciso portanto que todos o combatam com energia. Se foi precisa a guerra ao mosquito para acabar com a febre amarella, é precisa a guerra á mosca para nos libertarmos d'uma vez dessa horrivel doença que é o typho. Que toda a comida seja guardada dentro dos guarda-comidas ou preservada com cobertas de arame de filó ou voile (com uma singela armação de arame e um pedaço desses tecidos faz-se com rapidez uma coberta interessante que não destoará, pondo até uma nota

tou-o. Depois, receiando sem duvida as represalias dos brahmanes, desertou. Conseguiu alcançar Gandelour, depois Masuasiaonae, morrendo de fome, vendeu a pedra por trinta mil libras esterlinas a um capitão de navio mercante. Depois morreu, uns annos mais tarde, de lepra. O capitão, em escala pelo mar Vermelho, revendeu o brilhante por cento e vinte quatro mil libras a um usurario; logo em seguida naufragou perdendo a vida e bens, perto de Aden. O usurario cedeu-o ao armenio Safras, pela quantia de duzentas e cincoenta mil libras. No dia seguinte era assassinado.

Safras, impressionado, quiz desfazer-se o mais rapidamente da pedra que trazia comsigo a morte. Pelo intermedio d'um joalheiro, fez conhecimento com o principe Orloff, um barine russo, para o qual segundo conta a historia, a tzarina Catharina II teve bondades.

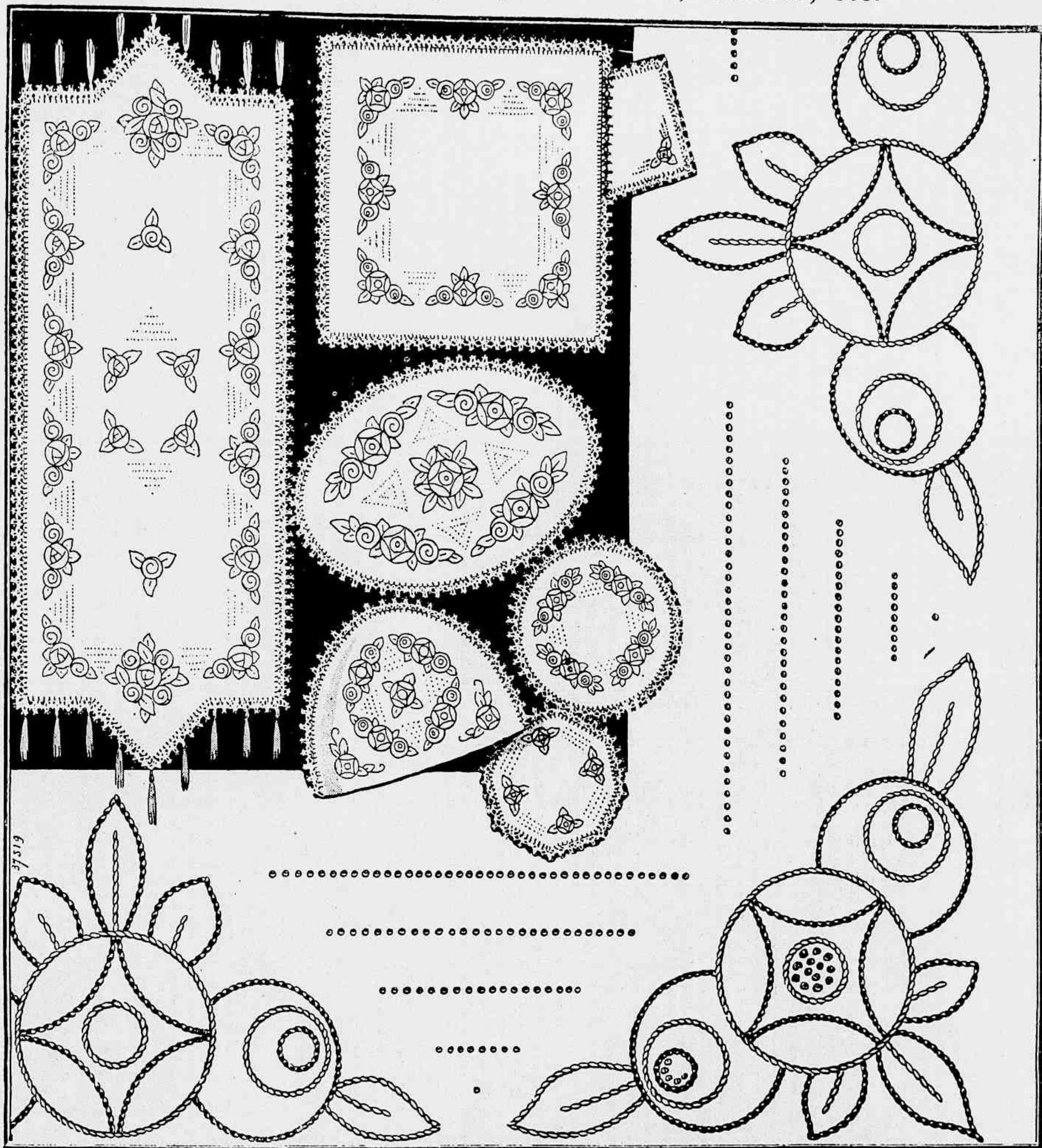
Orloff comprou o brilhante a Safras, mas vendeu-o logo em seguida á imperatriz, com a condição de receber immediatamente dois milhões duzentos e cincoenta mil francos, e uma renda vitalicia de cem mil francos. Renda que elle não aproveitou muito tempo, porque pouco depois foi morto n'um duello.

Para o coroamento do tzar Nicoláu II, o Orloff foi cravejado na corôa imperial...

alegre nas copas e cozinhas), as latas de lixo sempre cobertas com as suas tampas: nada havendo para attrahir as moscas ellas depressa desapparecerão. Mas, se isso só não bastar, collocar apanha-moscas em todos os aposentos onde ellas appareceram.

Devemos tambem evitar comer os legumes crús, taes como alface e agriões, pois, por mais bem lavados, sempre resta o receio d'algum microbio cuja morte só a ebulição garante. Devemos lembrar-nos que não sabemos com que agua são regados e alem disso estão as suas folhas muito proximo da terra estrumada. O receio de comer fructas neste tempo é absurdo: tirando-se as cascas dessas fructas, que estiveram em exposição e por tanto em contacto com as moscas, não ha mais perigo algum a receiar. Deve-se comer fructas, assim como todos os bons alimentos, de facil digestão. Evitar o mais possivel sobrecarregar o estomago com alimentos pesados e muito temperados.

Aquelles que têm a infelicidade de morar perto de cocheiras e vaccarias não terão outro remedio para evitar o contacto das moscas senão pôr telas de arame nas janellas. E' preciso que todos se convençam: é a mosca que espalha essa terrivel doença, voando da casa do doente para os mostruarios de fructas e doces, e indo pousar nas nossas casas sobre a carne, peixe, pão etc.

As rosas: --guarnição para toalhas, centros, etc.

Este bordado, muito singelo, de ponto de haste e ponto de nó, é interessante e decorativo. As rosas formam pequenos *bouquets* reunidos por carreiras de pontos de nó. Em volta dos objectos põe-se uma rendinha de bilro ou faz-se um ponto de *crochet* para terminal-os.

MENU DE JANTAR

SOPA DE ALFACE COM AIPO
PEIXE COM MOLHO ESCOCEZ
BATATAS COZIDAS

RIM DE VITELLA COM MOLHO DE VINHO
ESPINAFRES

PERU' RECHEIADO
SALADA DE VAGENS

PUDIM DE CASTANHAS

SOPA DE ALFACE COM AIPO

Cortam-se bem fino uns quatro pés de alface e um pedaço pequeno de aipo, e põe-se para cozinhar com um pouco de sal e um bouquet de cheiros. Depois tira-se o aipo e o bouquet de cheiros, e engrossa-se a sopa com um pouco de farinha de arroz desfeita n'uma chicara de leite; põe-se dentro da sopeira pão torrado frito na manteiga e despeja-se por cima a sopa.

Quando não se quer pão torrado, põe-se meia colhér de manteiga dentro da sopa na hora de servir, fóra do fogo.

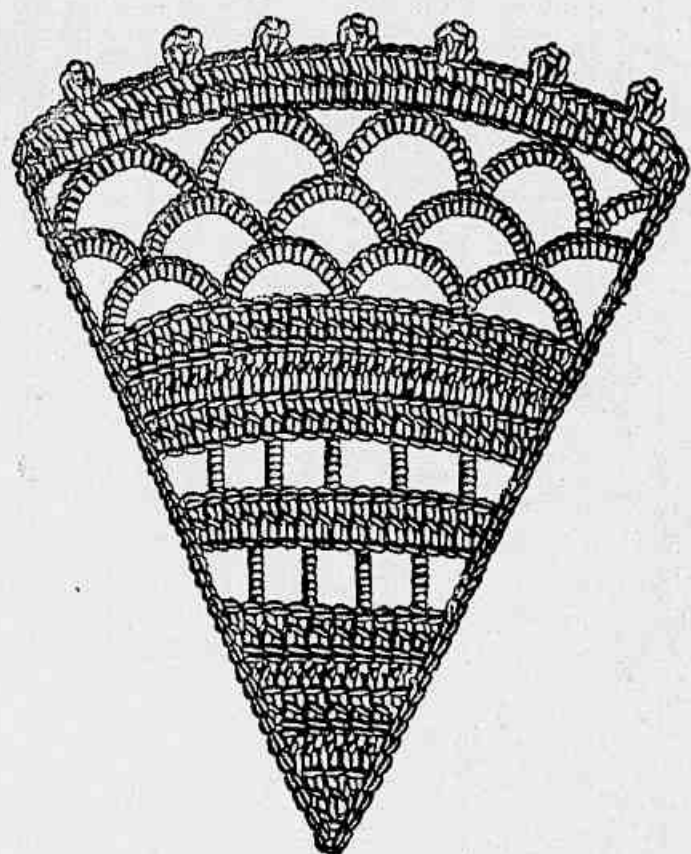
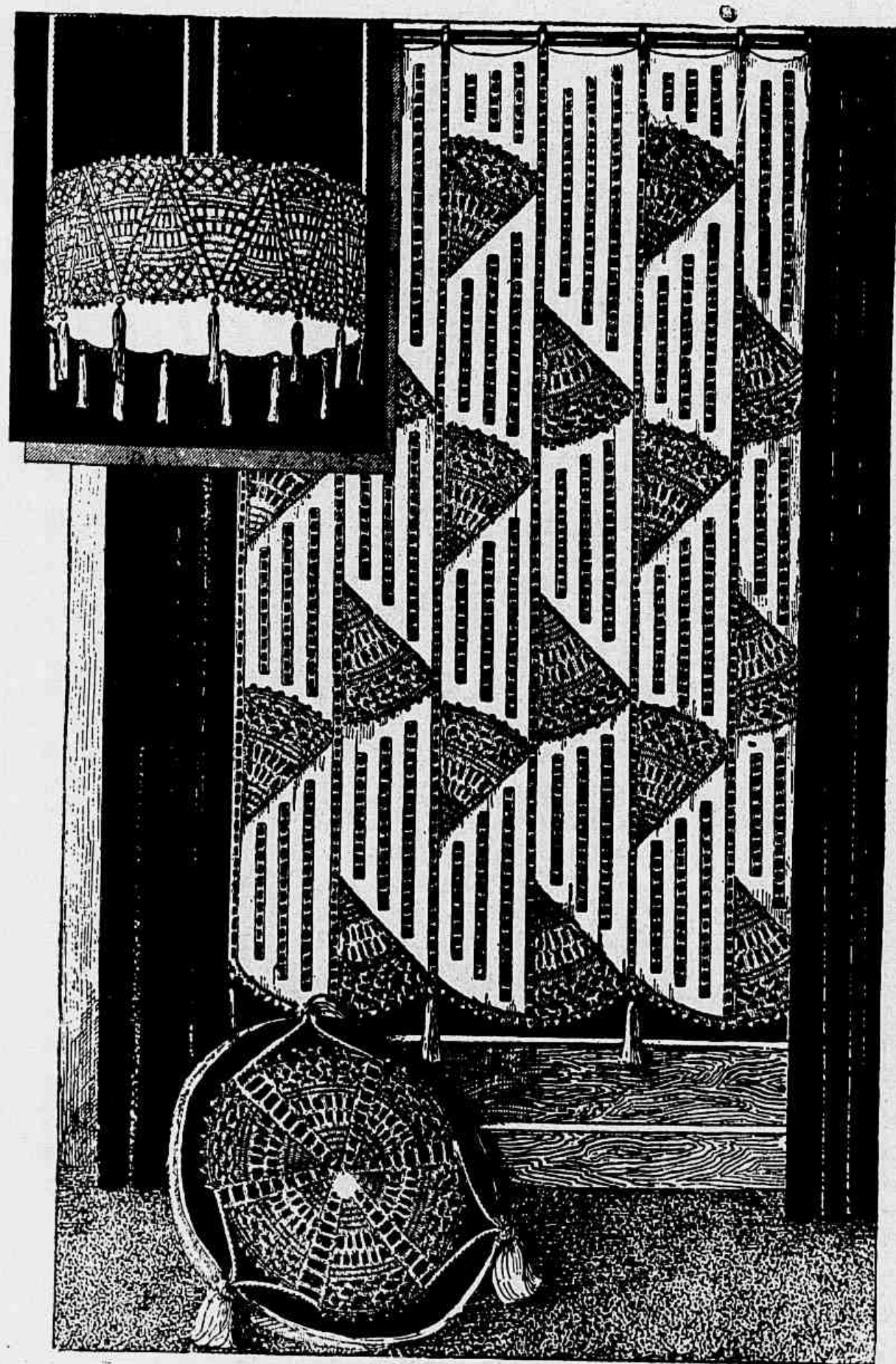
PEIXE COM MOLHO ESCOCEZ

Cozinha-se o peixe e serve-se com o seguinte môlho:

Desfaz-se em 30 grs. de manteiga uma colhér de farinha de trigo que se deixa cozinhar dois minutos em fogo brando, mexendo sempre; em seguida junta-se um quarto de litro de leite. Tempera-se o môlho e depois de ter engrossado um pouco junta-se a clara cozida de tres ovos, bem picada, e por ultimo as gemmas passadas na peneira Na Inglaterra esse môlho é quasi sempre servido com o bacalhau.

RIM DE VITELLA COM MOLHO DE VINHO

Põe-se para aquecer dentro d'uma panella 100 grs. de manteiga e refoga-se nella 400 grs. de rim de vitella cortado em fatias finas. Retiram-se essas fatias para uma travessa conservando-a em lugar quente; põe-se na panella 25 grs. de farinha de trigo

Guarnição de crochet para plafonnier, store e almofada

Os grandes effeitos decorativos são devidos muitas vezes a um desenho inicial muito singelo. E' o que podem realizar com essa guarnição de *crochet* tão simples. Com esses triangulos de *crochet* reunidos por um entremeio feito com o *crochet* ou com a agulha forma-se um *plafonnier*, que depois de forrado com um *pongé* de côr viva é terminado por borlas feitas com a linha empregada no *crochet* (em geral o tom côr de barbante é o preferido). Os cordões para dependural-o são tambem feitos com a mesma linha. O *store* de *toile* de avião crúa é todo bordado com pontos de *barrettes* (bordado Richelieu); entre esses bordados são incrustados os triangulos de *crochet*. O *store* termina dos lados por carreiras de *barrettes* e em baixo por um bico de *crochet*, igual ao que termina os triangulos. Os triangulos da almofada são executados com seda ou com fio metalico, dourado ou prateado. Os triangulos formam uma estrella, unindo-os um entremeio de *barrettes*. O fundo da almofada será de velludo preto, azul ou verde para o *crochet* de prata velha; para o *crochet* de ouro o velludo será rubi, esmeralda ou roxo.

e mexe-se até tomar um pouco de côr; molha-se em seguida com um copo de caldo e outro de vinho tinto; tempera-se com sal e junta-se aos poucos 50 grs. de manteiga; despeja-se bem quente sobre as fatias de rim.

PUDIM DE CASTANHAS

Põe-se para cozer meio kilo de castanhas; em seguida tira-se as cascas e passa-se por uma peneira; põe-se n'uma panella e junta-se uma chicara de creme (nata fresca), uma fava de baunilha, 100 grs. de assucar e algumas amendoas socadas (umas dez) e por ultimo cinco gemmas. A purée não deve ferver e mexe-se sempre com uma colhér de páu. Fóra do fogo, junta-se cinco claras muito bem batidas. Retira-se a fava de baunilha e despeja-se a massa dentro d'uma fôrma lisa, untada com manteiga ou com calda de assucar queimado. Cobre-se com uma rodella de papel untado com manteiga. Põe-se para cozinhar em banho-maria ou assar no forno.

Na hora de servir rega-se o pudim com rhum e põe-se fogo.

Conselhos praticos

Os cuidados a tomar com os relogios

Para que um relogio de bolso regule bem, é necessario dar-lhe corda sempre á mesma hora, assim como é necessario dependural-o verticalmente e não pousal-o sobre um movel como muita gente faz. O frio do marmore sobre o qual se colloca o relogio basta muitas vezes para influir na sua marcha.

As cataplasmas

Quando se compra farinha de linhaça para fazer cataplasmas, é preciso verifical-a com cuidado, provando e cheirando, para que não esteja rançosa; porque tem havido muitos casos de erysipela devido á applicação de farinha de linhaça muito velha.

Para verificar se o leite tem agua

Um meio simples e ao alcance de todos para essa verificação é o seguinte: limpa-se bem uma agulha de aço, esfregando para não deixar adherente nenhuma materia gordurosa. Essa agulha mergulha-se no leite e levanta-se verticalmente.

Se o leite está puro, ficará uma gotta na ponta. Se não tiver a gotta é muito provavel que o leite tenha sido baptizado.

Bons conselhos

Deixem sempre os vossos maridos pensarem que são elles que dominam, mesmo quando isso não é verdade.

A felicidade d'um lar tem necessidade de apoiar-te sobre um pouco de diplomacia.

❁

Não se creiam deshonradas porque tenham de carregar um embrulho, mesmo um pouco volumoso; mas sob a condição de que o embrulho seja bem feito, o mais cuidadosamente feito e amarrado. Um papel de embrulho de preferencia ao deselegante papel de jornal.

❁

Prestem attenção á maneira de exprimir-se, cuidem na sua articulação e não se esqueçam que as coisas mais interessantes, ditas com uma voz monotona, amolam, ao passo que a historia mais singela, contada com graça, d'uma maneira clara e expressiva, agrada sempre.

❁

Alguns centimetros apenas, a mais ou a menos, n'uma roupa de banho podem bastar para classificar aquella que a traz. Por tal razão todo o cuidado na escolha dessa roupa: que seja bem assentada e chic, mas evitando que seja indecente.

Pensamento

Tenham o pudor de nunca vos queixar deante d'aquelles que poderiam ter mais razões que vós de o fazer.

Mlle. Campista — Como alizar o cabello? Molhe bem o couro cabelludo com o *Tonico n. 10;* em seguida lave a cabeça com agua morna duas ou tres vezes por semana.

Norma Reis — Posso enviar-lhe directamente os meus preparados. Em Curityba a casa "Carioca" vende a minha *Tintura*.

Laura — E' um grave erro tirar a creança do peito materno. E' um contra-senso imaginar que não pode criar o seu filho. Com uma alimentação cuidadosa poderá crial-o. Venha vêr-me. Encontra-me todos os dias das 11 ás 4. Pelo esforço e raciocinio da vontade o trabalho domestico torna-se facil. O primeiro dever da mulher perfeita é dedicar-se ao seu lar. Experimente o *Brillo* na limpeza dos utensilios da cozinha: não estraga as mãos.

Marieta — O meu *Crême de Massagem* destina-se á conservação da belleza da pelle e reparação das rugas. Preparado nutritivo da pelle, limpa a cutis, tornando-a firme e transparente. Durante o calor, quando se transpira com frequencia, o *Perfume Selda* é de grande valor. Friccionando o corpo depois do banho com umas gottas d'este perfume, elle transmitte ao corpo um brilho juvenil e satura a pelle de um aroma agradavel que se conserva na epiderme durante mais de 24 horas. A *Loção Adstringente* corrige a oleosidade da epiderme, contráe os póros dilatados, dando á pelle um lindo tom lacteo. Clarêa os braços e pescoço queimados pelo sol, applicando varias vezes ao dia antes de applicar o pó de arroz.

Rosalina — Todas as noites antes de deitar, lave o rosto com sabonete *Sylkale* e applique depois a *Loção de Embellezar a Pelle:* amacia toda a epiderme aspera, tornando-a setinosa e evitando a formação das rugas. E' o melhor fixativo do pó de arroz para as epidermes seccas.

A caspa desapparece rapidamente molhando uma vez por dia o couro cabelludo com o *Tonico n. 9.* Antes de principiar a usar o tonico deve lavar a cabeça com o *Shampoo-Pó.*

Um grupo de alumnos da Escola Padre José de Anchieta no dia do encerramento de suas aulas, vendo-se ao lado a directora, senhora Elvira Pereira.

Gabriela — O unico processo radical para destruir os pellos do rosto é a electrolyse.

Rua Haritoff — Palacete Veiga, em frente do Restaurante Lido.

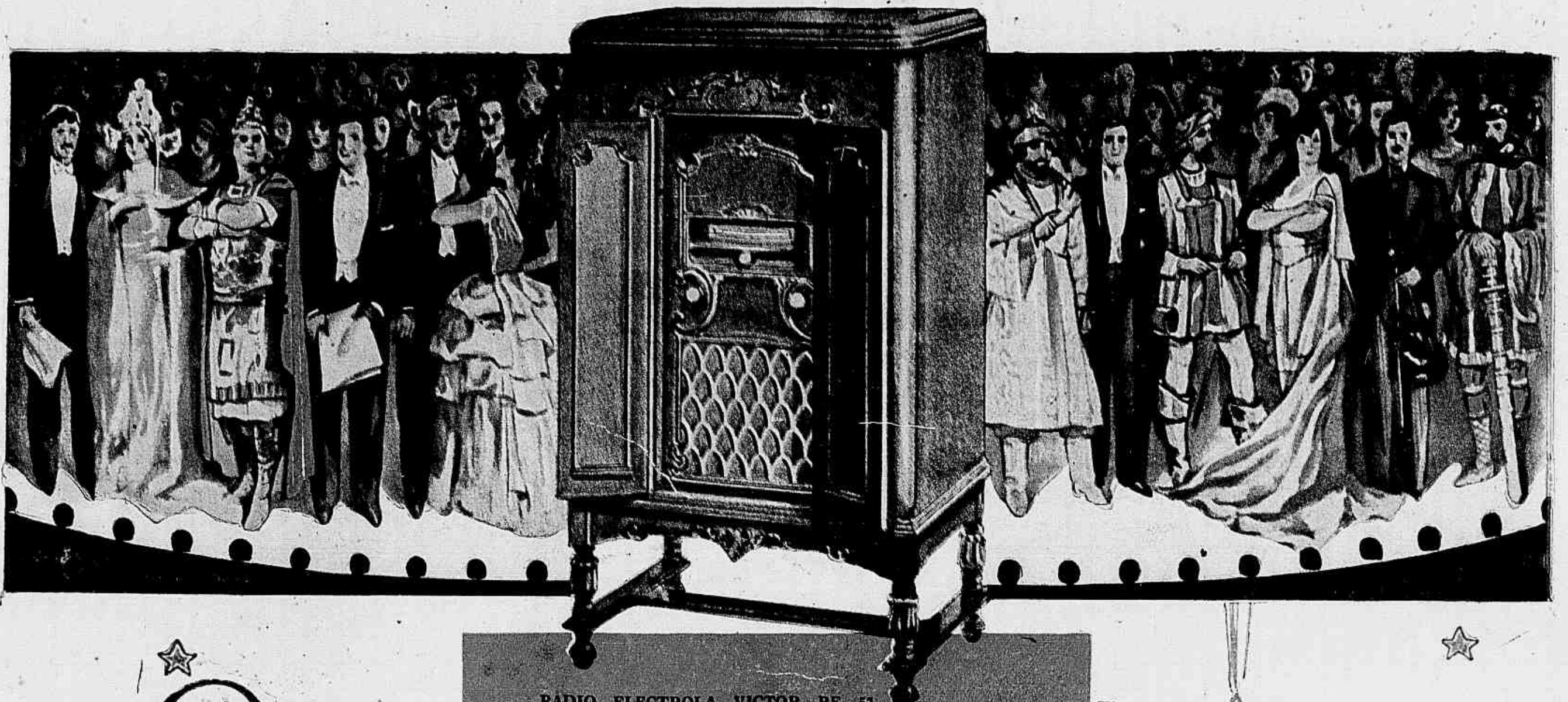
O meu rouge *Rosita* é o mais delicado substituto da côr natural da pelle, resistindo á transpiração. Tenho uma pessôa competente para lhe tingir o cabello.

SELDA POTOCKA.

Descoberta do testamento de Ptolomeu VIII

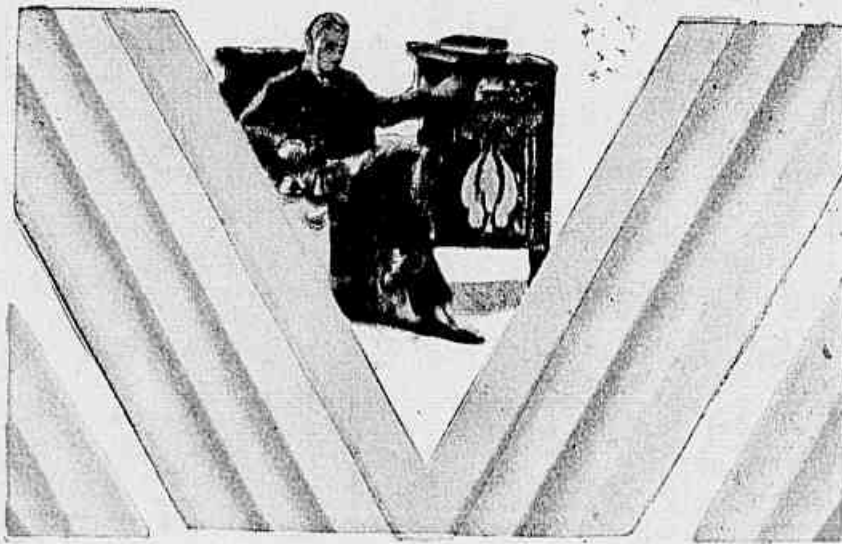
No decorrer das escavações que, sob a vigilancia do Instituto Archeologico de Roma, estão sendo feitas na Cyrenaica, fizeram uma importante descoberta historica: trata-se d'uma placa de marmore na qual está gravado o testamento de Ptolomeu VIII, Evegerte II o Bemfeitor, que reinou no Egypto de 146 a 117 antes de Jesus-Christo.

Ptolomeu Evegerte foi o ultimo rei do Egypto da dynastia dos Ptolomeus e governou tambem na Cyrenaica que cedeu, pelo seu testamento, aos Romanos. A placa de marmore que acharam, e sobre a qual puderam decifrar esse documento, comporta igualmente uma breve historia da Cyrenaica e um pequeno apanhado tratando da politica romana daquelle tempo no Mediterraneo oriental.

O presente que continua presenteando...

RADIO ELECTROLA VICTOR RE - 57

Tres instrumentos em um só, o Radio Micro-synchronico, de cinco circuitos. A Nova Electrola Victor e o Mecanismo para a gravação de discos em casa. Grava e reproduz discos electricamente em sua propria casa — da sua propria voz ou dos trechos do radio.

O *NOVO* Victor Radio

Para aquelles a quem V. S. estima, um presente que proporciona alegria, uma felicidade mais intensa do que até agora era possivel gozar-se... O NOVO RADIO VICTOR proporciona o que até agora era impossivel conseguir-se de um apparelho de radio... A explendida NOVA RADIO ELECTROLA VICTOR não só lhe offerece o maximo que é possivel obter de um apparelho de radio, como dá aos discos Victor nella reproduzidos a VERDADEIRA TONALIDADE VICTOR e dar-lhes-á musica no momento em que V. S. a desejar. E ainda não é tudo! Este instrumento offerece o novo divertimento de fazer os seus proprios discos... instantaneos vocaes, por assim dizer, vivos e fallantes, de V. S., dos seus filhos e dos seus amigos.

1 — O primeiro radio micro-synchronico de cinco circuitos, e valvulas de placa blindada.
2 — Apparelho para gravação de discos em casa. O ultimo aperfeiçoamento Victor.
3 — Controle Victor de Matizes Tonaes, creado e introduzido pela Victor.
4 — Tonalidade Victor... Mais bella do que nunca.
5 — Nova belleza de apparencia. Os mais lindos moveis até agora construidos pela Victor.
6 — A Nova Electrola Victor reproduz os discos Victor com surprehendente belleza.
7 — Radio Micro-synchronico. Funccionamento perfeito. Uma creança póde sintoniza-lo.
8 — Nova sensibilidade. Trará a estação que V. S. desejar, no momento em que V. S. desejar.
9 — Nova selectividade... separa nitidamente a estação que V. S. deseja de todas as outras.

NOVO RADIO VICTOR R-39

Identico em equipamento e funccionamento ao R-35. Installado num luxuoso e distincto movel de estylo classico italiano, extraordinariamente bello.

A extraordinaria belleza dos novos moveis Victor é tal que foram chamados de: "uma concepção inteiramente nova em materia de moveis para radio". Porque deixar para outro dia? V. S. poderá facilmente adquirir o excellente modelo Victor de sua escolha HOJE! Até agora não se offereceu um apparelho de uma qualidade Victor tão apurada por um preço de tal modo baixo. Só os 30 annos de pratica da Victor na construcção de instrumentos de musica tornam possivel offerecer um apparelho tão bom por um preço tão reduzido. O nome e a marca Victor constituem a sua garantia.

Veja e ouça o NOVO RADIO VICTOR.

NOVO RADIO VICTOR R - 35

O grande e novo radio de 5 circuitos micro-synchronico, e valvulas de placa blindada. Nova sensibilidade, selectividade e força. Tonalidade Victor inegualavel. Movel acabado em nogueira Qualidade Victor.

DISTRIBUIDORES GERAES:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rio — Rua Ouvidor, 98   *S. Bento, 35 — S. Paulo*

A' venda em tadas as boas casas do ramo.